

INHOITIM

PRÊMIO

 ARTE &
NATUREZA
na ESCOLA

2025

INHOUDT

Ministério da Cultura e Instituto Inhotim apresentam



1ª edição, 2026 — Brumadinho, MG

Ministério da Cultura e Instituto Inhotim
apresentam

PRÊMIO



ARTE & NATUREZA na ESCOLA

INHOTIM

MENTORADORA
MISTY

PATROCÍNIO
PRATA

REALIZAÇÃO



VALE

C6BANK

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA

O livro *Prêmio Arte & Natureza na Escola* apresenta a experiência vivida por professores, professoras, pessoas educadoras e estudantes no projeto homônimo que nasce do encontro entre arte, natureza e educação. Essas são dimensões estruturantes da atuação do Inhotim ao longo de sua trajetória. Em 2026, ao celebrarmos 20 anos de abertura ao público, o lançamento desta publicação se insere em um marco institucional significativo, que reafirma nosso compromisso com a ampliação do acesso, com a produção de conhecimento e o fortalecimento de práticas de educação conectadas aos desafios contemporâneos.

Ao longo dessas duas décadas, o Inhotim consolidou-se como uma instituição de referência nacional e internacional, articulando acervo artístico, jardim botânico e um programa de educação a partir de propostas singulares. Nesse contexto, a educação ocupa um papel estratégico, orientando ações que promovem a formação crítica, a valorização da diversidade de saberes e a construção de vínculos consistentes com os territórios nos quais atuamos.

O *Prêmio Arte & Natureza na Escola* integra esse esforço institucional como uma iniciativa de reconhecimento e fomento a práticas de educação desenvolvidas em diferentes realidades. Ao reunir e difundir projetos que articulam escola, comunidade e território, o prêmio contribui para ampliar o alcance das ações do Inhotim e para fortalecer redes de pessoas educadoras comprometidas com abordagens sensíveis, interdisciplinares e socialmente engajadas.

Este livro sistematiza parte dessas experiências realizadas no ano de 2025, constituindo-se como um instrumento de registro, difusão e inspiração. Mais do que documentar práticas, ela evidencia a capacidade do Programa de Educação e Território do Inhotim de mobilizar processos transformadores, ao mesmo tempo que reforça a importância de políticas e iniciativas que sustentem e ampliem essas ações de longo prazo.

No contexto de seus 20 anos, o Inhotim reafirma, por meio desta publicação, seu compromisso com uma atuação pública consistente, orientada pela transparência, pela relevância social e pela construção de futuros mais justos e sustentáveis. Ao projetar os próximos anos, reconhecemos na educação um eixo fundamental para a continuidade e o aprofundamento dessa missão.

Paula Azevedo é Diretora-presidente do Instituto Inhotim



Viveiro Educador, Inhotim

SUMÁRIO

Arte, Natureza e Educação no Inhotim Gleyce Kelly Heitor	9
Escola aprendendo com Museu – Museu aprendendo com Escola João Paulo Andrade	12
Impressões Botânicas: Memórias vegetais do Jardim das Alterosas Escola Municipal José Miranda Sobrinho Betim, MG	24
Inventarias: Espécies resistentes do Cantinho da Fazenda CLIC! — Centro Lúdico de Interação e Cultura Belo Horizonte, MG	36
Terra Comum: Um laboratório a céu aberto Escola Municipal Lucas Marciano da Silva Distrito de Suzana – Brumadinho, MG	48
Juventudes pelo clima: Imaginar o futuro em tempos de incerteza Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende Florestal, MG	60
Aprender no Território: Trocadas situadas, mediação cultural, educação e redes de colaboração no Prêmio Arte & Natureza na Escola Valquíria Prates em conversa com Amanda Pontes, Danira Silva, Filipe Camato e Pedro Ton.	73
Fichas Técnicas	81



Evento de abertura do *Prêmio Arte & Natureza na Escola 2025*, no Viveiro Educador

Arte, Natureza e Educação no Inhotim

Gleyce Kelly Heitor

“A utopia é uma educação do desejo. Parte do desafio da educação é ajudar as pessoas a desejar melhor. A desejar em qualquer lugar e a desejar com sentido coletivo.”

— Fabio Scarano

As escolas são territórios de invenção cotidiana. Em meio a desafios diversos, professoras e professores constroem caminhos de aprendizagem que mobilizam saberes de muitas áreas, reinventam metodologias e respondem, com criatividade e sensibilidade, às questões que atravessam seus estudantes, comunidades e territórios. Nesses contextos plurais, a educação pública brasileira revela uma força criadora que merece ser visibilizada, fortalecida e compartilhada.

Como museu e jardim botânico, o Instituto Inhotim reconhece essa potência e se propõe, desde sua criação, a atuar na interseção entre arte contemporânea, natureza e educação. Compromete-se ainda a reconhecer e valorizar as escolas como territórios potentes para germinação de práticas educativas que respondem ao presente e projetam futuros mais cuidadosos, justos e interdependentes.

Sabemos que proteger ecossistemas implica reconhecer a pluralidade de culturas, saberes e formas de relação com o ambiente, pois, como nos lembra Ailton Krenak (2019), o “fim do mundo” não é apenas uma ameaça distante. Há mundos que terminam todos os dias — quando rios são contaminados, florestas são derrubadas ou culturas são silenciadas. E há, também, mundos que insistem, reinventando-se em gestos de partilha, cuidado e imaginação.

Partir desse entendimento para articular modos de se relacionar com as escolas é criar oportunidades para que estudantes e comu-

nidades se encontrem com a arte, com a botânica, com o território e com uma ética de cuidado que ultrapassa as fronteiras institucionais. É vivenciar o cuidado como responsabilidade coletiva. É cultivar a certeza de que nada floresce sozinho, e que, portanto, é necessário fazer do encontro entre o museu e a educação escolar uma oportunidade para criação de práticas de convivência, de partilha de responsabilidades e do desejo de sustentar o comum como horizonte.

Com esses valores, o *Prêmio Arte & Natureza na Escola* foi criado, em 2025, afirmando, prioritariamente, o compromisso dos museus com o reconhecimento de iniciativas de educação integral e valorização de projetos capazes de transformar a escola em um espaço de criação e diálogo.

A iniciativa parte do entendimento de que a docência é um campo de pesquisa permanente, em que projetos, metodologias e caminhos pedagógicos são criados em resposta às urgências do presente. Muitos desses caminhos dialogam com temas centrais da contemporaneidade: as relações entre humanos e não humanos; a valorização dos saberes dos povos originários e quilombolas; as dimensões socioambientais dos territórios escolares; e as formas como a arte pode expandir percepções e sensibilidades. Com o prêmio, buscamos, portanto, valorizar experiências que aproximam ensino, território e criação; e que fabulam modos de vida capazes de sustentar vínculos mais cuidadosos entre pessoas, espécies e ambientes.

Ao apoiar ideias de autoria dos docentes, o prêmio propõe ampliar o campo de experimentação pedagógica, mobilizando os acervos educacional, artístico e botânico do Inhotim como recursos metodológicos, investigativos e sensíveis. Mais do que um reconhecimento, estamos interessados em ampliar redes, fortalecer boas práticas e criar espaço para que professoras e professores se afirmem como protagonistas na defesa da diversidade, da inclusão e da justiça socioambiental.

Assim, o Inhotim reafirma seu compromisso com a educação pública e com a produção coletiva de conhecimento. *O Prêmio Arte & Natureza*

na Escola se instala como um gesto de reconhecimento, escuta e parceria — uma oportunidade de fortalecer a criatividade docente, ampliar diálogos entre as comunidades escolares e o museu, e imaginar, juntos, outras formas de aprender, ensinar e habitar o mundo.

Gleyce Kelly Heitor é educadora, pesquisadora e diretora de Educação e Território do Instituto Inhotim

Referências bibliográficas

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Ivana Carla. Educação e sustentabilidade: desafios e possibilidades – Entrevista com Prof. Dr. Fábio Scarano. *Estudos IAT*, v. 13, n. 1, 2025. Disponível em: <https://estudosiat.educacao.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/view/452>. Acesso em: 18 nov. 2025.

Escola aprendendo com Museu, Museu aprendendo com Escola

João Paulo Andrade

“Sonhos sobre o fim do mundo não nascem apenas do desespero ou do medo. Nascem como caprichos do tédio. Sonhos febris de destruição não surgem apenas quando o mundo é maligno ou horrível, mas também quando já não faz diferença se o mundo ainda existe ou deixou de existir. É entre bocejos, mais do que entre gemidos ou gritos, que o mundo chega ao fim.”

— Alesandro Sbordonì

Museu, educação e vocação pública

O *Prêmio Arte & Natureza na Escola* surgiu da percepção de que uma frente da relação entre museus e escolas apresentava um potencial latente. O projeto *Descentralizando o Acesso Inhotim*¹ já tinha consolidada a sua metodologia que implica professoras e professores em processos de pesquisa e de produção de pensamento autoral a partir de questões relevantes para a educação, hoje. Mas e se, além de pesquisas, o museu pudesse colaborar com projetos?

Se a pesquisa é esse movimento de investigação que coloca em cena repertórios da pessoa pesquisadora em relação com referências, experiências e desafios que põem à prova hipóteses e certezas, o projeto organiza essa investigação. Implica planejamento, definição de objetivos, metodologias, cronograma, gestão de recursos e, a partir das formulações levantadas pela pesquisa, indica os resultados esperados. É claro que a distinção entre pesquisa e projeto não deve ser tão cartesiana, mas importa aqui colocar essas diferenças para desenhar o espaço em que o *Prêmio Arte & Natureza na Escola* é criado.

Trata-se de um projeto que, entre tantos outros, contribui para realizar a vocação pública do Instituto Inhotim. Ao completar 20 anos de

abertura, em 2026, o museu se posiciona menos interessado nas grandes narrativas da arte contemporânea e da natureza ou nos modos de exibição que estandardizam cânones. O comissionamento se consolidou como uma de suas práticas estruturantes, orientando formas de produção que se dão em diálogo com artistas, territórios e contextos específicos. Nesse sentido, os programas de arte, educação e natureza incorporam dinâmicas que criam condições para que repactuações, reescritas, reposicionamentos e revisões se produzam a partir do encontro entre as coleções do museu, do jardim botânico e os públicos – não como algo conduzido unilateralmente pela instituição, mas, sim, como um processo construído.

Além disso, a relação com o território e as comunidades ganha espessura. A projeção mundial do Inhotim precisa estar ancorada em um impacto local significativo. Desse modo, importa ao Instituto impulsionar e colaborar com ações locais, de Brumadinho e vizinhanças, distribuindo recursos e criando plataformas de visibilização que posicionam e convocam as comunidades para o debate público. Falamos aqui de uma mudança de paradigma. O acesso e a democratização seguem sendo fundamentais para a vocação e os compromissos públicos do Inhotim, mas seu horizonte de atuação se amplia. Parafraseando Diane Lima (2023), se toda e qualquer iniciativa artística implicada com a decolonialidade surge de formas que ainda não existem, o grande desafio das instituições culturais será o de criar as condições possíveis para que aquilo que está tentando ganhar forma no mundo atinja sua significância. *Não se trata de descrever o mundo, mas de ajudar a construir novos mundos.*

Quatro projetos como práticas de mobilização

Realizando um breve sobrevoo pelo histórico da Educação no Inhotim, é possível observar uma tendência revelada em uma linha do tempo mais ou menos linear: a preocupação com a diversidade de metodologias e de formas de pensar a presença dos públicos a partir da crença insistente em projetos que apostam na continuidade — entendida aqui como construção de comunidades em torno de questões que encontram ressonância nas coleções de arte e natureza do museu, ao longo do tempo.

Projetos estruturantes como o *Laboratório Inhotim*, o *Jovens Agentes Ambientais*² e o já citado *Descentralizando o Acesso Inhotim* contribuíram para definir a vocação e a consistência do Programa de Educação e Território do Instituto. Escapando da lógica das ações pontuais, a Educação no Inhotim atua desde 2006 com professoras, professores e estudantes, pessoas moradoras de Brumadinho e de cidades vizinhas. Os projetos, hoje, são pensados como recortes metodológicos, soluções para favorecer a emergência disso que Diana Lima chama de novos mundos — legado que define o *Prêmio Arte & Natureza na Escola*, que, em sua primeira edição, colaborou com quatro propostas oriundas de escolas de Betim, Florestal, Brumadinho e Belo Horizonte.

Além de receberem um incentivo financeiro de R\$8.000,00 para a viabilização dos projetos, os selecionados participaram de uma jornada híbrida que mobilizou metodologias de residência, mentoria, pesquisa e agência. O *Prêmio Arte & Natureza na Escola* não é apenas uma premiação ou um reconhecimento: é um gesto de legitimação e de convite à colaboração. Ao apoiar propostas concebidas e conduzidas por professores e professoras, o prêmio buscou fortalecer práticas que já emergiam nos territórios escolares, trazendo os projetos selecionados e as respectivas comunidades escolares para dentro do Inhotim, e levando, assim, o museu para dentro das escolas.

Em sua primeira edição, em 2025, o prêmio recebeu 59 projetos inscritos por escolas públicas e particulares. A convocatória convidava docentes, individualmente ou em coletivo, a desenvolver propostas ainda não realizadas, com potencial de mobilizar o legado educacional e os acervos artístico e botânico do Inhotim como recursos de investigação e criação.

Para colaborar com o processo de seleção, convidamos três pessoas especialistas na interface entre educação, arte e natureza: Shion L, Coordenadora de Formação do MAM Rio; Cayo Honorato, professor no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB); e Luciana de Oliveira, Coordenadora do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais

da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A missão dessa banca de seleção foi comparar propostas que partem de contextos, escalas e condições distintas. Para isso, o grupo estabeleceu critérios que ajudaram a desenhar o perfil comum dos quatro projetos selecionados. Algumas pistas já estavam na convocatória: originalidade, relevância, impacto, viabilidade, clareza e alinhamento com os eixos temáticos do prêmio — bases que ganharam maior densidade nos debates entre as pessoas avaliadoras.

A emergência de um “Nós”

Ao trazer a figura vegetal do cipó como imagem para pensar a ideia de comunidade, Dênêtem Touam Bona (2025) aponta para um princípio relacional baseado no entrelaçamento: crescer apoiando-se no outro, conectando o que antes estava disperso, produzindo continuidade onde antes havia fragmentação. Essa imagem é simbólica, pois nos oferece uma chave de leitura para compreender o processo de seleção dos projetos, na medida em que aquilo que se buscou reconhecer foram propostas capazes de transformar desejos individuais em percursos coletivos, articulando pessoas, saberes e territórios em redes consistentes de ação.

Nesse sentido, um dos pontos mais recorrentes foi a distinção entre projetos orientados por intenções amplas e aqueles capazes de estruturar tais intenções em trajetórias compartilhadas e mobilizadoras. A consistência do planejamento, incluindo cronograma, uso de recursos e intencionalidade metodológica, revelou-se menos como um exercício técnico isolado e mais como uma capacidade de sustentar, ao longo do tempo, conexões entre diferentes agentes e dimensões envolvidos nos projetos.

A compreensão da arte como método, e não apenas como resultado, também pode ser lida à luz dessa lógica de entrelaçamento. Nos projetos selecionados, a prática artística não aparece como produto, mas como meio de investigação que conecta experiência, linguagem e conhecimento, operando como fio condutor entre sujeitos, contextos e formas de aprender. Do mesmo modo, a relação com o território deixa de ser temática para se constituir como vínculo

efetivo: são propostas que se enraízam em relações reais, baseadas na escuta, na troca e na participação horizontal, ampliando sua capilaridade para além dos muros da escola.

Outro aspecto fundamental foi a centralidade da participação dos estudantes, implicados como coautores dos processos. Ao envolver alunos, professores e, muitas vezes, outros agentes da comunidade em práticas intergeracionais, os projetos deveriam construir redes de corresponsabilidade que reforçariam seu caráter coletivo e relacional.

Por fim, a valorização de iniciativas com potencial de continuidade e replicabilidade evidencia projetos que operam como sistemas vivos: ciclos que se retroalimentam, gerando materiais, dispositivos e práticas que podem se expandir e se reconfigurar em outros contextos. Assim como os cipós descritos por Bona, são propostas que crescem por conexão, sustentando-se na capacidade de unir e retransmitir.

O conjunto dos projetos, portanto, revela abordagens que vão da valorização de saberes tradicionais à construção de infraestruturas ecológicas; da mobilização política juvenil à investigação de formas ampliadas de vida. Em comum, está a construção de práticas educativas comprometidas com a transformação social e ambiental, nas quais professores, professoras e estudantes se implicam como sujeitos de autoria e investigação. Ao reconhecer o território como elemento central para a formulação de respostas, esses projetos atualizam, na prática, a ideia de comunidade como entrelaçamento. É uma rede viva de relações que torna possível não apenas aprender sobre o mundo, mas agir coletivamente para transformá-lo.

Da proposta ao projeto realizado: um percurso de orientação pedagógica para a pesquisa

A metodologia do *Prêmio Arte & Natureza na Escola* foi marcada por um processo de orientação pedagógica marcado por escuta, diálogo, reformulação e aprofundamento contínuo das ideias iniciais. Nesse percurso, a orientação pedagógica atua como mediação,

ajudando a transformar intenções em modos de fazer, perguntas em procedimentos de investigação e ações pontuais em processos formativos mais amplos.

A proposta do projeto **Impressões Botânicas**, da Escola Municipal José Miranda Sobrinho (Betim, MG) era investigar memórias, saberes e práticas relacionadas às plantas presentes nos quintais de cidades, em processos resilientes diante da crescente urbanização. A partir de entrevistas com moradores e do uso de técnicas artísticas, a proposta previa a produção de um livro e de uma exposição, articulando arte contemporânea e saberes tradicionais. O projeto se destacou por promover letramento territorial ao investigar como conhecimentos oriundos da roça e do campo podem persistir e se reinventar no contexto urbano, considerando também a diversidade étnica e cultural da população local.

Já **Terra Comum**, da Escola Municipal Lucas Marciano da Silva (Distrito de Suzana, em Brumadinho, MG), estrutura-se como um ciclo contínuo de ações pedagógicas voltadas à construção, à manutenção e à revisão de infraestruturas que mediam a relação entre escola e natureza – nesse caso, um meliponário. Com forte caráter interdisciplinar, o projeto trazia como proposta uma trilha formativa que articulava teoria e prática, permitindo que os estudantes compreendessem, na prática, modos de habitar e cuidar do ambiente. Sua ênfase na replicabilidade — ao possibilitar que os conhecimentos adquiridos fossem aplicados em outros contextos — reforçava seu potencial de continuidade e impacto.

O projeto **Juventudes pelo clima**, da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende (Florestal, MG), trazia como proposta um gesto de engajamento situado entre formação política e mobilização coletiva, ao propor a organização de jovens para enfrentar os impactos das mudanças climáticas em seu território. Ao transformar a ansiedade ambiental em ação, a iniciativa buscava fomentar o protagonismo estudantil por meio da constituição de grupos de pesquisa, formados por adolescentes, que investigassem problemas locais e construíssem soluções em diálogo com a comunidade. Tratava-se de um projeto que ampliava o escopo de uma pesquisa

já em curso, consolidando práticas de engajamento e fortalecendo a escola como espaço de articulação social.

Por sua vez, o projeto **Inventarias**, realizado pelo CLIC! — Centro Lúdico de Interação e Cultura (Belo Horizonte, MG), tensionava as formas de relação entre humanidade e natureza em contextos urbanos, ao propor a investigação das chamadas agências não humanas e a reinvenção dos vínculos entre diferentes formas de vida. A partir de uma abordagem que combinava práticas artísticas, escuta sensível e observação do território, o projeto convidava crianças a perceber a presença e a atuação de elementos não humanos — como plantas, animais e outros agentes — a partir da relação com mestras da comunidade do Aglomerado da Serra.

Quando a educação se torna um sonho menos solitário

Ao longo do acompanhamento e, especialmente, na reunião final com os professores e professoras, tornou-se evidente que os aprendizados ultrapassaram os conteúdos trabalhados com os estudantes, produzindo deslocamentos na própria prática docente. Um dos pontos principais foi a compreensão de projeto como método, e não como produto. Mostras e apresentações deixaram de ser objetivos finais para se tornarem momentos de encontro dentro de processos mais amplos. Essa mudança reorganizou o tempo pedagógico e ampliou o sentido das atividades realizadas nas escolas.

Outro ponto recorrente na fala dos professores e professoras foi a importância da estruturação. Planejamento, definição de etapas e clareza de objetivos apareceram como elementos que não limitam a criação, mas a tornam possível. Ao investir em planejamento e organização de percurso, o grupo relatou maior segurança para conduzir os processos e lidar com imprevistos. O protagonismo estudantil também se destacou como eixo fundamental. Em todos os projetos, os estudantes assumiram papéis ativos — como pessoas pesquisadoras, pessoas autoras e agentes de transformação —, fortalecendo sua relação com o conhecimento e com o território. Esse movimento foi frequentemente acompanhado por práticas

interdisciplinares, nas quais diferentes áreas se articulavam de forma orgânica.

Nesse sentido, o Inhotim também aprendeu com as escolas: os projetos selecionados podem ser compreendidos como gestos concretos que oferecem ao museu exemplos tangíveis de como realizar, na prática, a sua vocação. Escolas são verdadeiros centros culturais, com mobilizações e programações próprias e estratégias específicas de relação com as comunidades. Desse modo, a produção de conhecimento, a incidência no território e a mediação cultural deixam de ser atribuições exclusivas do museu.

Assim, ao reconhecer e apoiar essas práticas, o Inhotim não apenas reafirma seu compromisso com a educação e com a pesquisa docente, mas também se reposiciona a partir de aprendizados que emergem da escola. O Instituto convoca, com o mesmo grau de incidência e responsabilização, estudantes, professores, professoras e os saberes comunitários. Todos são agentes implicados em sonhos, desejos e utopias que precisam subsistir na educação.

A educação se torna, assim, um sonho menos solitário. Estudantes, docentes, “as meninas da cozinha”, diretoras, a comunidade, o museu: parceiros atentos contra a passividade e o cinismo do tédio que choca o ovo do desencantamento. É o encantamento que nos move na direção da solidarização, animando-nos para a ação, o afeto e os encontros. O que este livro registra é, precisamente, o que acontece quando a educação se torna este precioso bem comum: uma solução que as pessoas encontram para continuar vivendo, juntas.

João Paulo Andrade é educador, filósofo e gerente de Educação Continuada do Instituto Inhotim

¹ O projeto *Descentralizando o Acesso Inhotim* foi o primeiro projeto de formação com professores do Programa de Educação do museu. É realizado desde 2008 e, em 2026, chega à sua 14ª edição.

² *Laboratório Inhotim* e *Jovens Agentes Ambientais* também estão entre os projetos de Educação mais longevos do Instituto Inhotim, tendo iniciado suas atividades em 2007 e 2008, respectivamente.

Referências bibliográficas

BONA, Dénètem Touam. *Sabedoria dos cipós*. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

LIMA, Diane (org.). *Negros na piscina: arte contemporânea*, curadoria e educação. São Paulo: Fósforo, 2023.

SBORDONI, Alessandro. *Semiótica do fim*. São Paulo: Sobinfluência, 2025.



Evento de abertura do Prêmio Arte & Natureza na Escola 2025, no Viveiro Educador

IMPRESSÕES BOTÂNICAS

Memórias vegetais do
Jardim das Alterosas



Escola Municipal José Miranda Sobrinho
Betim, MG

Impressões Botânicas é uma revista realizada pelos alunos do 8º ano da Escola Municipal José Miranda Sobrinho, no Jardim das Alterosas (Betim, MG), sob coordenação de suas professoras e professores. A publicação funciona como um herbário afetivo do bairro: um acervo vivo de memórias, plantas, histórias e descobertas que revelam a profunda relação entre natureza, comunidade e território.

Contexto: Betim é, hoje, um dos municípios mais populosos de Minas Gerais e, com mais de 411 mil habitantes e 125 unidades da rede pública, possui um dos sistemas educacionais mais amplos da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O Jardim das Alterosas, bairro com cerca de 32 mil moradores, concentra parte importante dessa rede, abrigando diversas escolas municipais.

A Escola Municipal José Miranda Sobrinho, sozinha, atende aproximadamente 700 estudantes — o equivalente a 1,1% de todos os alunos da rede municipal — e representa, dentro do bairro Jardim das Alterosas, cerca de 2% de sua população. Em termos do público escolarizável, a escola acolhe uma fatia expressiva das crianças e dos jovens do território, consolidando-se como um polo educacional e comunitário fundamental e funcionando como espaço de mediação entre os saberes da comunidade, as políticas públicas de educação e experiências ampliadas com arte, ciência e território.



➤ Link para a versão digital da revista



O professor Marcos Cabral orienta alunos durante processo de Fitotipia



Fitotipias de alunos e professores participantes do projeto

“Os quintais são espaços
de refúgio e resistência
que mantêm viva a
identidade cultural
dos sujeitos.”

Melissa Ricoy e Kássia Luiza, diretoras da Escola
Municipal José Miranda Sobrinho

Impressões Botânicas: Memórias vegetais do Jardim das Alterosas

Desenvolvido na Escola Municipal José Miranda Sobrinho, em Betim (MG), o projeto *Impressões Botânicas* nasceu do desejo de reconhecer a riqueza cultural, afetiva e ambiental presente nos quintais, nas memórias e nas práticas tradicionais dos moradores do bairro Jardim das Alterosas.

Sob coordenação do professor Marcos Cabral de Melo, o projeto reuniu estudantes do 8º ano — cerca de 75 jovens, entre 13 e 14 anos — para investigar as plantas que compõem o cotidiano das famílias e, com elas, reconstruir histórias, usos e saberes transmitidos entre gerações.

Para participar do projeto, cada estudante deveria buscar em casa e na própria comunidade as plantas que marcaram trajetórias, afetos, curas, receitas e memórias das pessoas com quem viviam e conviviam, entendendo os quintais como espaços de pertencimento, resistência e de patrimônio imaterial vivo nas narrativas partilhadas.

A partir de muitos exercícios de escuta e de registro, o projeto se expandiu para envolver toda a escola e, em seu percurso, encontrou no Inhotim um campo fértil para aprofundar percepções estéticas, científicas e poéticas sobre a relação entre pessoas e plantas.

Os objetivos centrais da proposta concentraram-se em resgatar saberes tradicionais, articular conhecimento científico e memória afetiva, e ampliar a percepção e o conhecimento botânico dos jovens.

O projeto buscou combater a chamada “impercepção botânica”, reconhecendo que a escola, muitas vezes, distancia os estudantes da natureza, mesmo quando ela está presente nos pátios e nos quintais de suas casas. Para isso, propôs a criação de um *memorial afetivo das plantas do bairro*, construído com entrevistas, estudos botânicos, técnicas fotográficas sustentáveis — especialmente

antotipia e fitotipia — e processos de registro artístico e textual.

Outro objetivo fundamental foi fortalecer vínculos intergeracionais, envolvendo avós, pais, tios, pessoas vizinhas e moradoras antigas, valorizando as histórias e práticas que sustentam a vida cotidiana e compõem o patrimônio biocultural do território.

Ao longo do percurso, os estudantes realizaram entrevistas com familiares e moradores do Jardim Alterosas, em Betim (MG), recolhendo histórias, usos culinários e medicinais, memórias afetivas e imagens antigas.

Cada planta ganhou uma ficha botânica construída com rigor: identificação, origem, morfologia, exsiccatas, desenhos e fotografias. Paralelamente, as turmas experimentaram técnicas históricas de impressão fotográfica com pigmentos vegetais. A *antotipia* permitiu usar cores naturais extraídas de beterraba, açafrão, amora e couve para sensibilizar papéis e revelar imagens lentamente sob o sol; a *fitotipia* possibilitou que fotografias fossem impressas diretamente sobre folhas de plantas, produzindo registros orgânicos, efêmeros e poéticos. Esses processos ensinaram não apenas ciência, mas também paciência, cuidado, tempo e escuta — qualidades que os estudantes reconheceram como essenciais para lidar com as plantas e com pessoas.

Na escola, o projeto transbordou: surgiram murais, desenhos ampliados, novas plantas replantadas em vasos e uma pequena horta iniciada em 2017 pelo professor Michael Collins ganhou novo fôlego com o projeto, ainda sob sua orientação. Elemento de registro foi o jogo de tabuleiro criado pelos próprios estudantes, conectando arte, natureza e as entrevistas gravadas com pessoas moradoras — um dispositivo artesanal que transformava memória em brincadeira e convivência.

A revista *Impressões Botânicas*, realizada pelos estudantes com a orientação dos professores e professoras, foi organizada em seções temáticas, reunindo propostas de jornalismo comunitário, poesia, fotografia experimental, pesquisa botânica, entrevistas, receitas

tradicionais e crônicas sensíveis. O tom dos textos, fotografias e ilustrações é sempre afetivo, atento ao cotidiano e voltado para a valorização do que floresce silenciosamente nas casas, nos quintais e nas ruas do Jardim das Alterosas.

A revista apresenta-se como um produto editorial construído de forma comunitária. Seu valor está em ampliar voz das pessoas moradoras e da sabedoria das gerações mais velhas, em tratar arte e natureza como formas de leitura do mundo, em produzir ciência cidadã por meio da pesquisa botânica e assumir uma postura crítica diante da injustiça ambiental no bairro. A força da revista está na interseção entre memória, ecologia, educação e arte, constituindo um documento do território e um ponto de partida para futuros desdobramentos do projeto na escola.

A visita do grupo ao Inhotim foi uma das atividades mais marcantes para o projeto. Para muitos estudantes, esse foi o primeiro contato com obras de arte que articulam natureza, luz, tempo e percepção. Ao observar *Continente/Nuvem* (2008), de Rivane Neuenschwander (1967, Belo Horizonte, MG), o grupo se deitou no chão e refletiu sobre a impermanência e a transformação, conectando o movimento das nuvens às marcas deixadas pelas folhas nas antotípias e às memórias transmitidas pelos mais velhos.

Diante da obra *Apenas depois da chuva* (2024), de Rebeca Carapiá (1988, Salvador, BA), os estudantes enfrentaram o desafio de localizar as esculturas no lago e, ao fazê-lo, descobriram a importância da atenção e da sensibilidade para perceber o que é sutil. O encontro inesperado com as obras de Olafur Eliasson (1967, Copenhague, Dinamarca) provocou perguntas fundamentais — “por que isso é arte?” — e abriu espaço para discutir que criar não é apenas reproduzir a natureza, mas sentir, interpretar e transformar a experiência com o ambiente.

No Jardim de Todos os Sentidos, o grupo tocou, cheirou, provou e investigou as plantas, aproximando-se das práticas que já viviam nos próprios quintais. O Jardim Desértico e o Viveiro Educador ampliaram a percepção sobre biodiversidade, adaptação, texturas

e formas, permitindo que os estudantes compreendessem que até o que é seco ou rústico possui história e potência estética. A visita demonstrou, como relatou a professora que acompanhou a turma, que o projeto não trata apenas de plantas, mas de aprender a observar, sentir e pensar com o corpo inteiro.

Para as pessoas educadoras do Inhotim, acompanhar o projeto foi igualmente transformador. Os relatos mostram que o *Impressões Botânicas* desestabilizou expectativas, obrigando-os a rever a própria forma de entrar em um projeto escolar sem impor caminhos. Inicialmente, houve resistência — natural em iniciativas nascidas de forte vínculo comunitário —, mas, com o tempo, a parceria se tornou um exercício de escuta sensível e respeito ao território.

Segundo Filipe Camato, à época educador responsável pelo acompanhamento, o projeto ensinou sobre continuidade, ciclos e ritmos: a efemeridade da antotopia e da fitotopia refletia o próprio movimento da vida, e os adolescentes, marcados por tempos acelerados, encontraram ali um convite à lentidão e ao desejo cultivado com calma. As pessoas educadoras perceberam, também, que aprender com os estudantes — especialmente no Jardim de Todos os Sentidos, onde eles reconheceram plantas de suas memórias — era parte essencial do processo.

A escola se revelou um organismo pulsante, capaz de transformar cada visita em germinação, e o projeto mostrou às pessoas educadoras que educar é, sobretudo, permitir-se afetar. Como afirma em seus relatos, o que brotou na escola também brotou neles: a criança, o jovem e o adulto interior foram tocados pela experiência. Ao final, o projeto *Impressões Botânicas* reafirmou o valor das relações entre arte, natureza, memória e educação — e ensinou que, quando escola e território se reconhecem mutuamente, aquilo que floresce deixa raízes profundas.

“As dificuldades de tempo, recursos e organização abriram espaço para soluções criativas e para uma prática pedagógica que se fortalece quando ciência, arte e memória caminham juntas.”

Cássia Poliana Camilo da Silva, professora da Escola Municipal José Miranda Sobrinho





INVENTARIAS

Espécies resistentes
do Cantinho da Fazenda



CLIC! — Centro Lúdico de Interação e Cultura
Belo Horizonte, MG

Inventarias é a publicação criada pelas crianças do CLIC! – Centro Lúdico de Interação e Cultura a partir das vivências no Cantinho da Fazenda, localizado no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte (MG), e no Inhotim. O livro reúne desenhos, histórias, plantas, fotografias e poemas que narram a força das matrarcas e a relação entre corpo, território e natureza. É um inventário sensível de afetos e práticas do bairro, construído coletivamente e pensado como um presente para a comunidade.

Contexto: O Aglomerado da Serra é o maior conjunto de comunidades de Belo Horizonte, que começou a se formar a partir da década de 1920, com a migração de pessoas do interior de Minas Gerais para a cidade, configurando-se ao longo de décadas como um território de moradia informal. Trata-se de um território organizado em vilas, marcado por redes comunitárias ativas, experiências de cuidado coletivo e iniciativas ambientais como a horta Cantinho da Fazenda, com origem estimada pelo menos desde 2013, quando moradores do Aglomerado reivindicaram um terreno antes abandonado e começaram, ali, os primeiros plantios. Desde então, e especialmente nos dois últimos anos, a iniciativa vem se estruturando com apoio institucional e comunitário, ganhando força como espaço de agroecologia, convivência e mobilização social.

Embora localizado fora do aglomerado, O CLIC! – Centro Lúdico de Interação e Cultura, fundado em 1996 e idealizado pela psicóloga Cláudia Maria de Moraes Souza, como uma “escola-quintal”, desenvolve uma pedagogia que valoriza o o brincar e a aprendizagem ao ar livre, reconhecendo e se aproximando das potências comunitárias da região.

Juntos, esses três contextos – CLIC!, Cantinho da Fazenda e Inhotim – revelam modos distintos, porém conectados, de criar vínculos, produzir conhecimento e afirmar o território como espaço vivo de educação, cultura e cuidado.



➤ Link para a versão digital da publicação



Lançamento da publicação *Inventarias*



Detalhe de painel inspirado na matriarca Luci Soares

“A gente planta para
comer, mas também
planta para que a
história não se perca.
A planta cresce por
fora, mas a memória
cresce por dentro.”

Luci Soares, matriarca do Cantinho da Fazenda, no
Agglomerado da Serra, em Belo Horizonte (MG)

Inventarias: Espécies Resistentes do Cantinho da Fazenda

Desenvolvido no CLIC! – Centro Lúdico de Interação e Cultura, localizado em Belo Horizonte, o projeto *Inventarias* nasceu do encontro entre infância, território e memória comunitária. Idealizado e conduzido pelas professoras Marcela de Azevedo e Isabela Righi, o projeto envolveu crianças de 6 a 11 anos em um processo de investigação poética, botânica e afetiva que tomou como ponto de partida a relação viva entre as matriarcas do Cantinho da Fazenda — iniciativa ambiental no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte (MG) — e as plantas que cultivam há décadas.

O projeto começou com uma pergunta simples: o que cresce quando crianças e guardiãs do território se encontram? A resposta surgiu em forma de narrativas, histórias de vida, desenhos, coletas, experimentações e partilhas que atravessaram quintais, cozinhas, hortas comunitárias e paisagens afetivas do território do Cantinho da Fazenda, historicamente marcado por força, cuidado e resistência feminina. As quatro matriarcas — Lucilene Soares da Silva, Maria Amélia da Silva, Maria Geralda Gonzaga, Maria da Penha — tornaram-se o centro da experiência, partilhando com as crianças um repertório profundo de saberes sobre cultivo, cura, trabalho e pertencimento.

Ao longo de semanas, o CLIC! transformou-se em um grande ateliê territorial: mesas cobertas por papéis, folhas, sementes e tintas; crianças circulando entre árvores e canteiros; conversas espontâneas; escutas atentas; desenhos nascendo do corpo que observa e aprende. O território, antes percebido apenas como o lugar onde se vive, passou a ser compreendido como o lugar que constitui quem se é. Não se tratava de levar conhecimento às crianças, mas de fazer emergir o que elas já sabiam — e o que o território poderia ensinar a partir da disponibilidade de acesso para um rico patrimônio imaterial.

O projeto expandiu-se à medida que a experiência foi ganhando maior complexidade. Uma visita ao Cantinho da Fazenda, no aglomerado da Serra, aproximou as crianças das histórias de vida das matriarcas, revelando que plantas não são apenas espécimes, mas testemunhas de trajetórias: folhas que carregam memórias de migração, raízes que guardam gestos de cuidado, sementes que sustentam modos de viver. As professoras, ao acompanharem o processo, destacaram que o aprendizado mais potente foi perceber a relação inseparável entre corpo e território, em especial o fato de que não existe planta, história ou gesto naquele lugar que não estivesse inscrito nas vidas das matriarcas.

Do CLIC! ao Cantinho da Fazenda e, de lá, ao Inhotim, o projeto se constituiu como travessia — um caminho que permitiu às crianças reconhecerem que seus desenhos, suas memórias e seus corpos são também território vivo.

As estratégias pedagógicas combinaram escuta comunitária, pesquisa sensível e experimentação artística. Durante todo o processo, buscou-se valorizar e registrar histórias, práticas e saberes das matriarcas do Cantinho da Fazenda, aproximar as crianças de processos botânicos e ecológicos por meio de metodologias lúdicas e criativas, além de promover a ideia de corpo-território como chave para compreender pertencimento e identidade. O projeto *Inventarias* também teve como propósito criar um livro coletivo com narrativas, desenhos, plantas e aprendizados das crianças, fortalecer vínculos intergeracionais e ampliar repertórios de leitura poética do território. Além disso, dedicou-se a construir processos educativos baseados em autonomia, autoria e cuidado, estabelecendo diálogos entre práticas comunitárias e espaços institucionais como o Inhotim, sem hierarquias entre saberes.

O percurso formativo do *Inventarias* iniciou-se com a escuta das crianças sobre o que entendiam por território: seus lugares preferidos, caminhos percorridos, árvores conhecidas, plantas que faziam parte de suas casas. Depois, as professoras organizaram rodas de conversa para apresentar o Cantinho da Fazenda e suas matriarcas — mulheres que, há décadas, cultivam plantas alimenta-

res e medicinais em uma área comunitária que resiste às pressões da urbanização.

A primeira ida ao Cantinho foi marcante. As crianças caminharam entre canteiros, tocaram as folhas, cheiraram temperos, ouviram histórias de plantio e cura. Em cada gesto, uma aprendizagem: como se colhe sem ferir a planta, como se prepara um chá, como se reconhece o ponto de uma erva. As matriarcas acolheram as perguntas com paciência, e a escuta aberta das crianças fez surgir um repertório inesperado: falas sobre infância, natureza, luta, fé e ancestralidade.

De volta ao CLIC!, iniciou-se a etapa de criação. Um grande rolo de papel Kraft foi estendido no chão e, sobre ele, as crianças desenharam, em escala humana, o corpo de dona Luci — gesto simbólico que inaugurou a noção de corpo-território. Ao redor desse corpo desenhado, registraram plantas do Cantinho da Fazenda, frases ouvidas, texturas e pequenos mapas afetivos. Essa grande imagem coletiva tornou-se tanto registro quanto celebração: um mural que materializava a força da matriarca e sua profunda ligação com a terra.

O processo também envolveu a coleta de folhas e caules no entorno do CLIC! e no Cantinho; a observação de texturas, cheiros e cores; exercícios de desenho de observação; rodas de leitura; invenção de histórias; escrita de depoimentos; e montagem de um pequeno herbário artesanal. Uma das professoras relatou que, ao observar as crianças colhendo folhas caídas para não machucar as plantas, percebeu que o projeto havia se tornado uma prática de cuidado.

A produção final — a publicação *Inventarias* — emergiu desse intenso processo. Organizado em capítulos como O território, As pessoas, O plantar e as plantas e Imagens do processo, o livro reúne fotografias, desenhos, poemas, relatos, estudos sobre plantas e registros do Cantinho da Fazenda. Cada página foi construída coletivamente, formando um inventário sensível do território e das relações que nele florescem.

A ida ao Inhotim representou um momento de transbordamento do projeto, ampliando as experiências iniciadas no território. A chegada

ao Instituto exigiu atenção à logística — especialmente ao deslocamento das matriarcas —, mas rapidamente se transformou em um encontro profundo entre natureza, arte e infância.

No Jardim de Todos os Sentidos, as crianças tocaram cascas, sentiram cheiros, provaram folhas comestíveis e dialogaram com a equipe de Áreas Verdes do Inhotim sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). O contato direto com texturas, formas e sabores ampliou sua percepção sensorial e possibilitou que reconhecessem plantas semelhantes às que cultivavam no Cantinho da Fazenda.

Ao caminharem até o jatobá, fizeram uma pausa para escutar histórias da equipe de Áreas Verdes, que explicou ciclos de vida, sistemas de raízes e modos de adaptação das árvores no parque. A observação atenta despertou perguntas curiosas das crianças: “como o jatobá sabe a hora de crescer?”, “por que algumas folhas mudam de cor?”, “quantos anos tem essa árvore?”.

A visita às galerias também provocou deslocamentos importantes. As crianças observaram obras de arte que relacionavam corpo, espaço e paisagem, e reconheceram, em algumas delas, gestos semelhantes aos que experimentaram no Cantinho da Fazenda e no CLIC!: repetição, cuidado, observação, toque, espera. Para as professoras, essa foi uma atividade decisiva para perceber que a arte contemporânea pode dialogar diretamente com práticas comunitárias e saberes ancestrais.

A experiência no Inhotim expandiu repertórios e reafirmou o entendimento de que a arte, o território e a natureza podem respirar juntos em projetos intencionais e de duração definida no calendário escolar. O que se aprendeu no Cantinho da Fazenda encontrou eco nas obras e no paisagismo do Inhotim; o que as crianças viram nas galerias e nos jardins retornou ao território como novas perguntas.

O acompanhamento do projeto trouxe às pessoas educadoras do Inhotim aprendizados fundamentais. Primeiramente, o *Inventarias* instaurou exercícios de deslocamentos físicos e metodológicos.

Outro ponto foi o fato de que era necessário atuar a partir da escuta e da abertura, permitindo que o conhecimento circulasse entre crianças, professoras, matriarcas e pessoas educadoras, ou seja: a mediação não poderia assumir um tom complementar ou explicativo. Além disso, destacou-se a percepção de que os tempos da infância não coincidem com a lógica linear das visitas escolares: as crianças precisavam de pausas, momentos de liberdade, espaços de experimentação espontânea. As pessoas educadoras, ao reconhecerem essa necessidade, permitiram que a experiência se desse de forma mais orgânica, afastando-se de trajetórias rígidas e acolhendo os ritmos próprios do grupo.

A presença das matriarcas também convocou as pessoas educadoras a repensarem seus papéis e planejamentos prévios das atividades. Era necessário garantir sua mobilidade, respeitar seus ritmos corporais e ouvir suas histórias, reconhecendo-as como especialistas do território e como portadoras de saberes que antecedem e ultrapassam o instituto.

Ao final, as pessoas educadoras afirmaram que o projeto ensinou sobre continuidade, memória e cuidado. Assim como as plantas do Cantinho da Fazenda, o *Inventarias* mostrou que o que brota em uma visita pode gerar efeitos duradouros — no museu, na escola e na vida das pessoas envolvidas.





TERRA COMUM

Um laboratório
a céu aberto



Escola Municipal Lucas Marciano da Silva
Distrito de Suzana – Brumadinho, MG

Terra Comum reuniu práticas de meliponicultura, compostagem e horta escolar desenvolvidas pelas crianças do 4º ano da Escola Lucas Marciano da Silva, no Distrito de Suzana, em Brumadinho (MG). O projeto transformou o cotidiano em laboratório vivo de educação ambiental, envolvendo estudantes, professores e comunidade em ações de cuidado e preservação. Embora o projeto não tenha resultado em uma publicação formal, a escolha por desenvolver materiais de apoio vivos (meliponário, composteira e horta) ampliou a força pedagógica do *Terra Comum*, com dispositivos que seguem ensinando, diariamente, renovando perguntas, práticas e responsabilidades. Esses recursos transformam o aprendizado em experiência contínua, permitindo que cada turma retome, amplie e reinvente o projeto, gerando inúmeras oportunidades de registrar e acompanhar transformações ao longo do ano letivo e com outras turmas.

Contexto: O distrito rural de Suzana, em Brumadinho, integra uma região caracterizada por propriedades familiares, produção agrícola de pequena escala, criação de animais e fortes redes de vizinhança. Com sua população distribuída entre vilas e sítios, o território mantém modos de vida marcados pela relação direta com o solo, pelos quintais produtivos e pela transmissão de saberes rurais entre gerações. A paisagem é composta por matas, áreas cultivadas, cursos d'água e morros, estruturando a economia local e os vínculos culturais e afetivos das pessoas moradoras.

Nesse cenário, a Escola Municipal Lucas Marciano da Silva, que atende aproximadamente 300 estudantes do distrito e de comunidades próximas, funciona como eixo articulador entre educação formal, práticas comunitárias e tradição rural. A escola acolhe crianças que crescem em contato diário com a terra e que reconhecem, nos saberes de suas famílias, um repertório ecológico potente.



➤ Link para o perfil da escola no Instagram



A equipe de educação do Instituto Inhotim em visita ao meliponário



A professora Larleane e os estudantes realizam plantio de mudas

“O território não é cenário:
é método. Quando escola,
comunidade e paisagem
se reconhecem, o conhe-
cimento deixa raízes.”

Larleane Júnias Moraes, professora da Escola Municipal
Lucas Marciano da Silva

Terra Comum: Um laboratório a céu aberto

A Escola Municipal Lucas Marciano da Silva, localizada no distrito rural de Suzana, em Brumadinho (MG), vive um cotidiano marcado pela relação direta com a terra. Entre hortas domésticas, criação de pequenos animais, quintais extensos e saberes compartilhados entre vizinhos, os estudantes crescem, observando a paisagem como parte constitutiva de suas vidas. Foi nesse contexto que nasceu o *Terra Comum*, projeto coordenado pela professora Larleane Júnia Moraes, ou Nina, como é conhecida. O projeto reuniu cerca de 60 crianças do 4º ano em um percurso que combinou meliponicultura, cuidado ambiental, práticas sustentáveis e experimentação sensível.

A proposta surgiu do desejo de transformar a escola em um laboratório vivo, no qual a educação ambiental fosse conteúdo e experiência: um aprendizado que se deu pelo toque, pelo farejar da terra, pelo acompanhamento dos ciclos, pela observação atenta dos insetos nativos e pela percepção de que o meio ambiente começa no quintal e se expande para o território inteiro. O desafio era criar um espaço que funcionasse como dispositivo pedagógico permanente, unindo curiosidade, preservação e responsabilidade comunitária.

O ponto de partida foi a implantação de um meliponário com espécies de abelhas nativas sem ferrão, prática tradicional e profundamente enraizada em áreas rurais como o Suzana. A chegada das caixas de abelhas ativou imaginação e cuidado: as crianças formulavam hipóteses sobre hábitos, rotas de voo, floradas; observavam comportamentos e tentavam relacioná-los às plantas da vizinhança. Em paralelo, o projeto estruturou outras frentes: uma composteira construída com apoio da comunidade; o fortalecimento da horta escolar; oficinas com especialistas; e a participação da cozinha na separação de resíduos e no reaproveitamento de orgânicos.

Com o tempo, a escola foi se transformando. As crianças passaram a circular pelos espaços com mais atenção: identificavam as flores

preferidas das abelhas; acompanhavam a unidade da comunidade; organizavam o próprio meliponário; propunham melhorias. A professora relata que, para muitos, foi a primeira vez que perceberam que a natureza não é algo fora da escola, mas que parte do cotidiano como uma força constante que molda saberes, sustenta vidas e envolve responsabilidades. A escola tornou-se, assim, uma paisagem ativa, em movimento, em que cada gesto de cuidado reverberava no coletivo.

A partir da realização de rodas de conversa, registros fotográficos, desenhos de observação e estudos sobre o território, o projeto consolidou-se como uma prática educativa contínua. Não se tratava apenas de aprender sobre abelhas, mas de desenvolver um pensamento ecológico mais amplo, que atravessasse hábitos, relações, alimentação e pertencimento.

Os objetivos do *Terra Comum* articularam formação ambiental de longo prazo e valorização dos saberes locais. A proposta buscou aproximar as crianças dos ciclos da natureza por meio de práticas reais de cultivo, compostagem e meliponicultura, desenvolvendo nelas um pensamento ecológico crítico capaz de relacionar cotidiano, território e preservação. O projeto pretendeu também fortalecer o protagonismo estudantil na gestão dos espaços verdes da escola e promover a percepção das abelhas nativas como agentes essenciais da biodiversidade.

Ao incentivar hábitos sustentáveis que envolvessem toda a comunidade escolar, da cozinha às famílias, o projeto criou um dispositivo pedagógico permanente, o meliponário, que funciona como campo contínuo de pesquisa e cuidado. Além disso, integrou arte, ciência e território por meio de registros, desenhos, observações e narrativas sensíveis, ampliando a compreensão de que o ambiente é uma responsabilidade coletiva e de que pequenos gestos geram transformações reais. Esses objetivos, em conjunto, provocaram um deslocamento pedagógico significativo: a escola deixou de ser apenas o espaço onde se aprende sobre o meio ambiente e passou a ser, ela mesma, o próprio ambiente que se transforma pelo aprendizado.

O início do projeto envolveu planejamento, mobilização e formação. A professora Larleane organizou um estudo inicial com as turmas sobre abelhas nativas, seus papéis ecológicos e a relação tradicional do Distrito de Suzana com práticas de meliponicultura. Em seguida, ela realizou uma formação para professores, professoras e equipe escolar, garantindo que o projeto fosse compreendido e acolhido por toda a comunidade.

A construção da composteira foi um dos primeiros movimentos concretos: um trabalho coletivo que incluiu separação de resíduos, reorganização dos espaços da cozinha, produção de adubo e integração das famílias. As crianças participaram desde o primeiro momento, aprendendo como funciona o ciclo dos orgânicos e como o composto alimentaria a horta e os jardins. A experiência logo se tornou parte da rotina na escola: monitorar a umidade, observar a decomposição, registrar mudanças, propor ajustes.

A implantação do meliponário marcou a segunda grande etapa. As caixas foram instaladas com orientação técnica, e os estudantes passaram a acompanhar os hábitos das abelhas, as floradas e o comportamento das espécies. A presença constante das abelhas trouxe novas perguntas, pesquisas e diálogos entre as turmas. O meliponário tornou-se ponto de encontro e estudo, mobilizando a curiosidade e a atenção.

A horta escolar também ganhou força. As crianças ajudaram a selecionar sementes, preparar canteiros, cuidar da rega e acompanhar o crescimento das plantas. Foram realizadas oficinas com especialistas convidados, desenhos de observação, registros científicos e produções artísticas.

Uma das ações mais potentes foi a pintura do meliponário, feita por Clara Valente, que criou uma imagem sensível das abelhas e do território. O processo mobilizou as turmas, que acompanharam o processo criativo, discutiram cores e formas e compreenderam que a arte também é uma linguagem para tratar de ecologia e questões ambientais.

Com o tempo, o *Terra Comum* tornou-se prática integrada ao cotidiano escolar: professores, professoras, estudantes e pessoas funcionárias passaram a compartilhar responsabilidades, transformando a escola em um organismo que se cuida coletivamente.

O resultado mais visível do *Terra Comum* é o meliponário ativo, que permanece como legado pedagógico e dispositivo de pesquisa contínua. Ao lado dele, a composteira tornou-se eixo estruturante das ações de sustentabilidade e da reorganização do manejo de resíduos orgânicos na escola. A horta, revitalizada, gerou novas oportunidades pedagógicas em ciências, alimentação saudável e observação sensível.

Esses espaços produziram uma nova cultura escolar: as crianças passaram a reconhecer-se como guardiãs da natureza; a equipe escolar incorporou práticas sustentáveis; pais, mães e pessoas moradoras se aproximaram da escola; a biodiversidade do entorno tornou-se assunto de conversa cotidiana.

O *Terra Comum* também produziu registros constantes em forma de diários, desenhos, fotos e narrativas que documentaram um modo de aprender em diálogo com o ambiente. A escola tornou-se lugar de criação, de investigação e de pertencimento, utilizando os mesmos recursos disponíveis antes de sua participação no projeto, expandindo e multiplicando as possibilidades de criação e articulação entre recursos e pessoas.

A ida ao Instituto Inhotim contribuiu decisivamente para ampliar a percepção das crianças sobre ecologia e biodiversidade. O grupo visitou áreas verdes, participou de uma roda com a equipe de Natureza, observou espécies vegetais nativas e conheceu exemplos concretos de manejo e conservação.

O percurso destacou a importância das abelhas nativas, permitindo que as crianças relacionassem o meliponário da escola com os ambientes do Inhotim. A observação de flores, folhagens e *habitats* despertou novas perguntas sobre as relações entre espécies e sobre o que cada planta oferece às abelhas.

A visita foi também uma oportunidade para discutir arte e natureza: algumas obras instigaram reflexões sobre tempo, transformação e cuidado. As crianças estabeleceram conexões entre o que viram no Inhotim e as práticas que realizavam na escola: a importância da observação constante, o respeito aos ciclos e a percepção de que a natureza é sempre mais complexa do que parece.

Para as crianças do grupo, foi o momento de compreender que o trabalho iniciado no *Terra Comum* faz parte de um sistema maior: que o cuidado com as abelhas e com a horta é também cuidado com a paisagem do Distrito de Suzana, com a cidade e com o mundo.

No relato da educadora do Inhotim Amanda Pontes, o *Terra Comum* é descrito como uma experiência que deslocou concepções e colocou a mediação em diálogo com realidades que exigem atenção mais profunda. Ela destaca que projetos como esse convidam as pessoas educadoras a revisar a ideia de complementaridade entre conteúdos da escola e do museu. É preciso reconhecer que cada espaço possui lógica própria e que a mediação funciona melhor quando nasce da escuta, e não da síntese entre dois currículos.

Ao longo do acompanhamento do projeto, a educadora percebeu de modo específico a importância de planejar percursos, sem engessar a experiência. A presença das abelhas, os tempos das crianças e a própria dinâmica da escola rural exigiram adaptações constantes. Amanda relatou que o *Terra Comum* foi uma oportunidade de compreender que a educação ambiental é um modo de estar na escola e no museu por meio de práticas territoriais enraizadas no patrimônio e em sua constante renovação e transformação dos espaços.

A educadora destaca ainda o valor da mentoria e do acompanhamento contínuo: a troca sistemática entre o Inhotim e a escola permitiu ajustar ações, fortalecer vínculos e construir processos que respeitam ritmos, necessidades e realidades diversas. O projeto ensinou às próprias pessoas educadoras sobre a coexistência, a delicadeza do cuidado e a responsabilidade compartilhada que sustenta qualquer trabalho vivo.





JUVENTUDES PELO CLIMA

Imaginar o futuro em
tempos de incerteza



Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende
Florestal, MG

O Juventudes pelo Clima reúne ações de formação teórica, trabalho de campo, instalação artística e visita ao Inhotim realizadas por 60 jovens de Florestal (MG). O arquivo vivo produzido ao longo do projeto registra reflexões sobre futuro, território e cuidado ambiental, oferecendo caminhos para enfrentar a ansiedade climática por meio da criação e do diálogo.

Contexto: Florestal (MG) é um pequeno município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com área territorial de 194,242 km². Segundo o Censo 2022, sua população é de 8.045 habitantes, resultando numa densidade demográfica de aproximadamente 41,4 habitantes por quilômetro quadrado.

O território de Florestal articula zonas rurais e urbanas, convivendo com ambientes naturais, espaços agrícolas e áreas de Mata Atlântica e Cerrado, heranças de um território historicamente ligado à floresta, à terra e à agricultura. Esse traço torna a relação com o território uma experiência cotidiana: para muitas famílias, viver em Florestal implica conviver com plantações, quintais produtivos, pequenas propriedades e saberes que atravessam gerações.

Nesse contexto, a Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende ocupa um papel central como espaço de referência para educação, formação e mobilização da juventude. A escola congrega estudantes cujas vidas já movimentam e transformam o território: seus lares, suas histórias e suas percepções se formam tendo a paisagem como referência.



➤ Link para o perfil da escola no Instagram



A equipe de educação do Instituto Inhotim em visita à Horta Três Irmãos



A equipe de educação do Instituto Inhotim em visita à escola

“Os jovens carregam um cansaço que não é só deles: é do nosso tempo. Mas também carregam uma coragem que não cabe nos livros.”

Filipe Camato, educador da equipe de Educação e Território do Inhotim em 2025

Juventudes pelo clima: Imaginar o futuro em tempos de incerteza

O projeto *Juventudes pelo clima*, desenvolvido na Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, em Florestal (MG), nasceu de uma inquietação profunda: o modo como os jovens sentem, interpretam e enfrentam as transformações climáticas que atravessam o presente e ameaçam o futuro. A proposta surgiu como resposta direta às angústias intensificadas pelas enchentes de 2024, no Rio Grande do Sul, que deixaram marcas emocionais em todo o país e, sobretudo, na juventude. Segundo o relato do professor Lucas Bittencourt, o projeto ganhou forma quando um estudante questionou: “como você pode querer ter futuro, se o mundo está sendo destruído todos os dias?”. Essa pergunta abriu a fenda que deu origem ao projeto: como sustentar esperança, quando a experiência cotidiana de mundo parece corroída?

O *Juventudes pelo clima* foi concebido como uma formação teórico-prática ampla, que envolveu 60 jovens do Ensino Médio das escolas da cidade. Seu objetivo era investigar os impactos das mudanças climáticas em Florestal e, ao mesmo tempo, fortalecer o protagonismo juvenil na construção de respostas possíveis. O projeto articulou estudo, trabalho de campo, arte, política pública, escuta, elaboração emocional e imaginação coletiva — dimensões fundamentais para quem vive o que hoje chamamos de *ansiedade climática*.

Desde o início, o processo caracterizou-se por tensões formativas: muitos estudantes resistiram aos materiais teóricos, sentindo dificuldade em se concentrar ou se engajar em leituras. Ao mesmo tempo, mostraram interesse genuíno quando a aprendizagem se conectava ao território, às realidades locais, às experiências sensíveis e às práticas comunitárias. Essa oscilação refletiu o próprio cenário: a juventude contemporânea lida com o excesso de informação, o cansaço emocional e a sobrecarga escolar, mas também possui intensa capacidade crítica e enorme sensibilidade para as urgências de nosso tempo.

A visita ao Instituto Inhotim e a conversa com a equipe de Natureza marcaram um ponto de virada no projeto. Como relatou o educador Filipe Camato, os jovens reconheceram no museu não um espaço distante, mas um território vivo de resistência ambiental — um lugar onde arte, ciência e preservação não são discursos abstratos, mas práticas concretas. A energia e a escuta dos adolescentes foram tão potentes que mobilizaram o educador a criar dispositivos pedagógicos que ativassem obras relacionadas à crise ambiental, convidando o grupo a reinterpretar o museu a partir de suas vivências.

No território da escola, as atividades ganharam ainda mais corpo: instalações poéticas com imagens e frases de referências como Chico Mendes, Greta Thunberg e Ailton Krenak; oficinas de criação inspiradas na obra *Giro* (2023), de Luana Vitra (1995, Contagem, MG); e um trabalho de campo que revelou vulnerabilidades ambientais e experiências positivas de mitigação das mudanças climáticas no município. O projeto tornou-se gesto político, emocional e estético — um modo de elaborar a dor e transformar o medo em imaginação.

O Juventudes pelo clima teve como objetivo central fortalecer o protagonismo juvenil diante das mudanças climáticas, articulando formação teórica, investigação territorial e elaboração emocional. A proposta buscou desenvolver uma compreensão crítica dos impactos ambientais em Florestal, relacionando ciência, cotidiano e políticas públicas, ao mesmo tempo que combateu a ansiedade climática por meio da criação artística, da escuta sensível e do reconhecimento de experiências exitosas no enfrentamento da crise.

O projeto pretendeu ampliar a participação dos jovens em espaços decisórios, estimular metodologias participativas e promover o encontro entre saberes locais, práticas de preservação e referências globais do movimento climático. Além disso, procurou engajar os estudantes em ações coletivas e reflexivas capazes de expandir sua visão de futuro, oferecendo oportunidades para que reinterpretassem o território, construíssem narrativas próprias e integrassem arte e natureza como caminhos para enfrentar as urgências ambientais.

Todo o processo foi permeado por rodas de conversa, debates democráticos e exercícios de autoria. O projeto ainda avançou para a participação dos jovens na Conferência Municipal de Desenvolvimento Sustentável, embora com baixa adesão, devido ao calendário escolar.

O percurso do *Juventudes pelo clima* estruturou-se em quatro movimentos complementares que, juntos, formaram um processo contínuo de investigação, escuta e criação. A primeira etapa, dedicada à formação teórica, reuniu textos, vídeos e materiais digitais sobre mudanças climáticas, justiça ambiental, impactos locais e iniciativas internacionais de enfrentamento. Embora o engajamento inicial dos jovens tenha sido reduzido, esse momento forneceu a base conceitual necessária para que as discussões posteriores ganhassem profundidade e sentido.

A etapa seguinte foi a visita ao Inhotim, marcada por uma conversa com a bióloga Thamyris Bragioni, da equipe de Natureza, que permitiu aos estudantes compreender o museu, com seus jardins e áreas verdes, como instituição comprometida com preservação, pesquisa e cuidado ambiental. Durante o percurso pelo Viveiro Educador, pelos jardins e pelas galerias, emergiram reflexões sobre carbono zero, espécies ameaçadas e a potência da arte como forma de pensar o planeta. Filipe destaca que, nesse momento, os jovens perceberam algo essencial: o Inhotim também luta a favor do futuro.

De volta a Florestal, o trabalho de campo ampliou ainda mais a percepção do território. Três roteiros foram criados para identificar vulnerabilidades ambientais — como alagamentos, áreas de risco e supressão de vegetação — e mapear experiências positivas de mitigação, incluindo iniciativas comunitárias e práticas de preservação.

Os estudantes se mostraram profundamente tocados ao reconhecer situações que desconheciam em sua cidade, e esse encontro com a realidade local tornou-se um dos pontos altos do projeto. Foi o caso da visita à Horta Três Irmãos, conduzida por Seu Zezé,

a partir de práticas alinhadas ao conceito de agroecologia. Lá os estudantes responsáveis pelo projeto conversaram sobre a Brigada de Incêndio Voluntária do município e sobre experiências com práticas agroecológicas, como recuperação de nascentes e compostagem.

Por fim, as oficinas participativas consolidaram o processo em forma de criação coletiva. Na escola, o grupo produziu uma instalação com fotografias e frases usadas para a composição de um manifesto visual sobre pertença e futuro. Em outra atividade, os estudantes construíram instalações efêmeras com materiais encontrados no entorno da escola, elaborando poéticas sobre paisagem, cuidado e memória mineral. Esses gestos criativos transformaram estudo, trabalho de campo e emoção em linguagem, permitindo que os jovens traduzissem suas inquietações climáticas e as expressassem de forma sensível e política.

O produto final do projeto, inicialmente planejado como uma publicação, transformou-se em um conjunto de materiais sensíveis e processos vivos: a instalação artística, os registros do trabalho de campo, a oficina inspirada na obra da artista Luana Vitra, as rodas de conversa e as narrativas produzidas pelos jovens. Em vez de um objeto único, o projeto gerou um arquivo afetivo e político, composto por imagens, frases, desenhos e reflexões que permanecem na escola e na memória do grupo.

Esse arquivo pode ser visto como um testemunho do modo como os adolescentes elaboraram seus medos, esperanças e percepções sobre o clima. A publicação deu lugar a um trabalho vivo, fragmentado, aberto e contínuo, corporificado nesse arquivo.

A experiência no Inhotim permitiu aos jovens ver a crise climática a partir de outra escala, para além de uma ideia abstrata, tornando-se prática de preservação, cuidado e reinvenção de paisagens. Na roda de conversa com a equipe de Natureza do Instituto, escutaram sobre carbono zero, espécies endêmicas ameaçadas, responsabilidades institucionais e políticas de conservação.

O percurso pelas galerias revelou a relação entre arte e ambiente de maneira visceral. Obras que tratam de mineração, extração, transformação e memória mineral provocaram perguntas urgentes: o que a terra pede? Como reparar danos? Como imaginar outro futuro?

O educador Filipe destacou que os jovens reconheceram no Inhotim um espelho ampliado de seu território, um lugar para pensar com profundidade e agir com esperança. A visita, segundo ele, foi o momento em que o grupo percebeu que um museu também pode ser um território de reinvenção do mundo. Seu relato sobre o acompanhamento do *Juventudes pelo clima* foi exercício de escuta e deslocamento a partir de algumas revisões em sua prática como educador no museu, defendendo que a que a mediação cultural não deve competir com o currículo escolar, mas produzir pontos de encontro e abrir espaço para que a experiência artística seja um método de elaboração da ansiedade climática.

O convívio com os jovens e com o professor Lucas revelou ao educador que, diante da crise ambiental, a potência está nos gestos sutis: nas perguntas que ficam, na delicadeza de ocupar o museu com seus corpos, na coragem de dizer o que sentem.

Além disso, a parceria entre escola e museu fortaleceu o entendimento de que projetos assim exigem respeito ao tempo escolar, flexibilidade metodológica e abertura para criar dispositivos que atravessem a experiência e a política.

Para Lucas, professor da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, o aprendizado foi reconhecer a importância da dimensão artística e dos processos de criação e de mediação cultural como ferramentas, além da necessidade de integrar, de forma mais orgânica, criação, teoria e território. Ele também apontou que o apoio do Inhotim na partilha de recursos (prêmio em dinheiro, orientações e acompanhamento pedagógico, serviços de registro fotográfico, logística de transporte e lanche para visitação) foi decisivo para ampliar repertórios e consolidar as metodologias participativas do projeto.



GRUPO
FUTURO
OBJETIVO
ATIVIDADE
PRINCÍPIO
CONCEITO

EDUCAÇÃO FÍSICA

MUDANÇA



Aprender no Território: Trocas situadas, mediação cultural, educação e redes de colaboração no *Prêmio Arte & Natureza na Escola*

Valquíria Prates em conversa com Amanda Pontes, Danira Silva, Filipe Camato e Pedro Ton.

O *Prêmio Arte & Natureza na Escola* nasceu no Instituto Inhotim como resposta institucional a um reconhecimento incontornável: as escolas públicas brasileiras são territórios de invenção cotidiana, atravessados por desafios sociais, ambientais e culturais que exigem práticas educativas situadas, sensíveis e comprometidas com o presente. Ao instituir o prêmio, o Inhotim afirma uma política de educação que desloca o museu do lugar de centro irradiador de conteúdos para uma posição de escuta, parceria e aprendizagem compartilhada com professoras e professores.

Os critérios de seleção dos projetos evidenciam esse posicionamento. Foram valorizadas propostas de autoria docente, enraizadas em contextos territoriais específicos, capazes de articular arte, natureza e educação de forma transversal, envolvendo estudantes, comunidades e saberes locais. A escolha dos quatro projetos revela uma aposta clara em processos de longa duração, em metodologias abertas e na criação de dispositivos educativos que não se esgotam na visita ao museu ou na produção de um resultado, mas que permanecem em circulação nos cotidianos escolares.

Ao longo do desenvolvimento dos projetos, tornou-se evidente que o prêmio foi um catalisador de redes de colaboração, durante a realização dos projetos. Professores, professoras e pessoas educadoras do Inhotim, estudantes, famílias, comunidades, técnicos, artistas e pessoas trabalhadoras de diferentes áreas constituíram ecossistemas pedagógicos em que o conhecimento circulou em múltiplas direções, retroalimentando cada etapa das atividades. Essa circulação não foi isenta de tensões: exigiu revisão constante de expectativas, negociação de tempos, adaptação de metodologias e abertura ao imprevisto. Foi nesse campo de risco e instabilidade

que os projetos encontraram sua força formativa, atravessados por uma orientação pedagógica voltada para a pesquisa.

A análise dos percursos evidencia que o planejamento inicial de cada um dos premiados funcionou como ponto de partida: os projetos cresceram, desviaram, ganharam densidade e complexidade à medida que se relacionavam com os territórios, com as pessoas envolvidas e com as experiências vividas. Nesse sentido, a distância entre o que foi planejado e o que foi realizado revelou a maturidade de práticas educativas que reconheceram o aprendizado como processo vivo, atento às condições reais de cada contexto.

As trocas entre os professores das escolas premiadas e as pessoas educadoras do Inhotim constituíram um dos eixos centrais dessa experiência formativa, baseada na pesquisa e na prática. Para os docentes, o contato com o museu ampliou repertórios de mediação cultural, oferecendo outras formas de elaborar e ativar perguntas, trabalhar com a arte contemporânea e valorizar a dimensão sensível da aprendizagem. Para as pessoas educadoras do Inhotim, o acompanhamento dos projetos provocou deslocamentos fundamentais: foi necessário rever a lógica das visitas escolares ao museu; abandonar trajetos e roteiros previamente preparados; reconhecer saberes comunitários como estruturantes para qualquer projeto de educação museal; compreender que a mediação cultural não se constrói como complemento do currículo escolar, mas como campo próprio, tecido na relação de colaboração com as escolas.

Esse campo formativo não se restringiu às instituições envolvidas. Ao longo do desenvolvimento dos quatro projetos premiados, a formação assumiu um caráter ampliado, envolvendo uma diversidade de pessoas, ofícios e experiências que sustentaram concretamente os processos educativos. Pedreiros que auxiliaram na construção e na adaptação de espaços, *designers* responsáveis por traduzir processos pedagógicos em publicações, jogos e materiais gráficos, equipes de cozinha, limpeza e manutenção das escolas, lideranças comunitárias, matriarcas, moradores antigos, vizinhos e famílias participaram ativamente da construção dos

projetos. Esses sujeitos ofereceram conhecimentos técnicos, soluções práticas, memórias, gestos de cuidado e modos de fazer que atravessaram o cotidiano escolar e redefiniram o próprio sentido de aprendizagem.

A escola passou a operar como canteiro vivo de formação social, no qual diferentes gerações e saberes produziram conhecimento em situação, por meio do fazer junto. Para o Inhotim, acompanhar essa constelação de agentes implicou reconhecer que educar também é aprender com quem constrói, planta, cuida, organiza e sustenta os espaços no dia a dia, ampliando a compreensão de formação para além das práticas pedagógicas formais.

As visitas das escolas ao Inhotim produziram impactos que ultrapassaram a formação dos estudantes. O museu foi deslocado simbolicamente e passou a ser lido a partir de memórias afetivas, práticas comunitárias, experiências rurais, infâncias periféricas e inquietações juvenis diante da crise climática. Jardins, áreas de mata, obras a céu aberto e galerias foram ativados por perguntas que nasciam do território, exigindo das pessoas educadoras do Instituto abertura para outros ritmos, narrativas e modos de presença.

De modo complementar, a presença dos educadores do museu nas escolas funcionou como gesto de reconhecimento institucional do trabalho docente. Ao acompanhar processos já em curso, sem impor modelos externos, o museu fortaleceu vínculos, legitimando práticas e construindo relações de confiança. Esse movimento revelou que a mediação cultural ganha potência quando se estabelece como parceria continuada ao longo do ano letivo.

Outro aspecto decisivo refere-se às publicações e aos recursos educativos produzidos no desenvolvimento de cada proposta. Cada proposta encontrou, com as reuniões de orientação pedagógica conduzidas pelo Inhotim, a forma mais coerente de tornar pública sua experiência. Revistas comunitárias, livros sensíveis, arquivos vivos, instalações e dispositivos permanentes de aprendizagem revelaram uma compreensão ampliada do que significa publicar em educação. Publicar, aqui, não é apenas registrar resultados,

mas dar forma compartilhável ao processo, garantindo circulação, memória e possibilidade de desdobramento.

Às pessoas interessadas em conhecer o conjunto dos projetos, faz sentido partilhar, aqui, que essa experiência demonstrou que a força do *Prêmio Arte & Natureza na Escola* reside na construção de uma rede de aprendizagem mútua (entre museu e escola) e transversal (entre projetos, pessoas e territórios), para além do prêmio em si. Escola e museu, ao se reconhecerem como parceiros, produziram um campo fértil de experimentação pedagógica em que a arte, a natureza e a educação deixaram de ser áreas separadas para constituir práticas integradas de cuidado, pesquisa e imaginação de futuros.

Encerrar esse ciclo implica reconhecer os desafios que se colocam adiante. Para o Inhotim, o principal desafio é sustentar institucionalmente, em outros contextos, esse modo de atuar: garantir tempo, equipes, formação continuada e flexibilidade para acompanhar processos de longa duração, diversos e territorialmente situados, sem capturá-los em modelos rígidos ou narrativas simplificadoras. Exige também aprofundar políticas de acessibilidade, continuidade e retorno aos territórios, para que a relação não se restrinja a momentos pontuais.

Sustentar projetos vivos implica transformar aprendizados em cultura escolar, formar novas turmas, envolver outros professores e professoras e manter abertas as redes construídas. Para as escolas premiadas, o desafio é dar continuidade às práticas em contextos marcados por sobrecarga de trabalho docente, mudanças de gestão administrativa e pedagógica, limitações de recursos e pressões dentro de orientações curriculares bastante específicas em conteúdo e forma.

Em ambos os casos, o futuro aponta para a necessidade de consolidar redes de colaboração que não dependam apenas de iniciativas excepcionais para se tornarem parte estruturante de políticas educativas e culturais. O *Prêmio Arte & Natureza na Escola* demonstra que, quando escola e museu aprendem juntos, a educação se

afirma como exercício coletivo de atenção ao mundo e como um gesto de cuidado que insiste, mesmo em tempos de incerteza, em imaginar e sustentar futuros possíveis em redes de colaboração entre os seres vivos deste planeta, território que habitamos por um tempo de duração específica.

Valquíria Prates é pesquisadora, curadora e mediadora cultural. Esse texto foi elaborado a partir de conversas com as pessoas educadoras do Programa de Educação e Território do Inhotim: Amanda Pontes, Danira Silva, Filipe Camato e Pedro Ton.



Evento de encerramento do Prêmio Arte & Natureza na Escola 2025

Fichas Técnicas

INSTITUTO INHOTIM

Bernardo Paz
Idealizador e Fundador Benemérito

Conselho Deliberativo

Eugênio Mattar
— *Presidente*
Luís Paulo Montenegro
— *Vice-Presidente*
Alfredo Pinto
Andréa Cruz
Ayrson Heráclito
Betania Tanure
Cristiano Paz
Daniela Vilella
Eduardo Wurzmman
Francisco Müssnich
Genny Baran Nissenbaum
Guilherme Teixeira
Gustavo Ioschpe
Gustavo Pimenta
Izabella Teixeira
Jandaraci Araújo
José Carlos Carvalho
Keyna Eleison
Luciana de Oliveira Hall-Cezar Coelho
Maguy Etlin
Mariana Moura
Maurício Campos Júnior
Paula Setubal
Paulo Sérgio Kakinoff
Ricardo Guimarães
Roberto Brant
Rubens Menin Teixeira de Souza
Susana Leirner Steinbruch
Tiago Pessoa

Conselho Fiscal

Antônio Pelicarp
Joaquim Guimarães
Viviane Ventura

Diretoria Estatutária

Paula Azevedo
— *Diretora-Presidente*
Júlia Rebouças
— *Diretora Artística*
Marcelo Costa
— *Diretor de Finanças, Pessoas e Estratégia*

Diretoria Executiva

Gleyce Kelly Heitor
— *Diretora de Educação e Território*
Felipe Paz
— *Diretor de Relações Institucionais*
Alita Mariah
— *Diretora de Natureza, Operações e Infraestrutura*
Patricia Schmidt
— *Diretora de Governança, Riscos e Compliance*
Cláudia Silveira
— *Secretária Executiva*

Arte

Curadoria

Douglas de Freitas
— *Curador Coordenador*
Deri Andrade
— *Curador*

Lucas Menezes

— *Curador*

Varusa

— *Curadora Assistente*

Graciela Ferreira

— *Analista Administrativa*

Acervo Artístico

Bruna Oliveira

— *Gerente*

Alex Maciel

Álisson Valentim

Anselmo

Daniela Espínula

Elaine D. Matos

Lucas Carvalho

Paulo Rodrigues

Thiago Botelho

Victor Taumaturgo

Ateliê

Elton Damasceno

— *Gerente*

Aparecida Alberto

Daiane Silva

Fernando Fagundes

Guilherme Ventura

Iveraldo Luis

Janete Fabiana

Josiene dos Santos

Kamilly Alves

Priscila Mara

Rodrigo Silva

Sérgio de Fátima

Valdiney Fernandes

Comunicação

Wendell Silva

— *Gerente*

Ana Luiza Andrade

Guilherme Barcelos

Luiza Nobre

Marcela Christo

Mariana Gonzaga

Matheus Salvino

Thiago Pacheco

Design

Ricardo Lopes

— *Gerente*

André Travassos

Clarice Lacerda

Lana Costa

Vitor Santiago

Vitória Oliveira

Loja Design

Kit Paz

— *Gerente*

Lili Soares

— *Gerente de Loja*

Anna Gomes

Bruna Dominiguitti

Erick Gonçalves

Estela Maris

Fabi Faria

Fátima Murta

Gabriela Silva

Guilherme Moraes

Hariel Santos

Helena Cristina

Júnia Eduarda

Luiz Souza

Pedro Magno

Raphaela Faccion

Victor Novais

Projetos Artísticos

Aline Pereira

— *Gerente*

Dani Cardoso
Massuelen Cristina

Produção de Programação

Bruna Campos
— *Gerente*
Carlos Alberto
Filipe Camato
Hyago Victor
Jade Santos
Julie Aguiar
Lylah Araújo
Raphaelly Sandrine
Rogério Guimarães
Wallisson Arthur

Natureza

Áreas Verdes

Matheus Nogueira
— *Gerente*
Abelar Moreira
Adriana Santos
Aldete Moraes
Aline Souza
Ana Cláudia
Antônio de Freitas
Antônio França
Aristides Borges
Arthur Pablo
Aumir de Paulo
Beatriz Oliveira
Caio Alves
Carlos Silva
Celton de Oliveira
Eber Vieira
Edmilson Candido
Eduardo Silva
Elias Ferreira
Elisângela Aparecida

Elizabete Silva
Emilly Santos
Enilson Gonçalves
Euclides Eduardo
Fabiano Lima
Fabio Oliveira
Geraldo Custódio
Geraldo Farias
Geraldo Miguel
Glaucia Vieira
Gleiciane Silva
Guilherme Diego
Hamilton Conceição
Ilma Almeida
Jacson Lopes
João Carlos
José Moraes
Karina Maia
Lilian Duarte
Lourdes Dias
Marcelina Aparecida
Marcelo Trigueiro
Marco Antonio
Nelse Santos
Patrícia Pereira
Rian Gabriel
Sara Souza
Ulisses Oliveira
Valnei Alves
Vanderlan Silva
Vanderley Silva
Vando Silva
Werberth Braga
Yuri Thierry

Natureza

Sabrina Carmo
— *Gerente*
Alex Rodrigues
Alexandre de Souza

Ana Paula Santos
Ana Paula Silva
Bárbara Sales
Carlos de Jesus
Claudia Rodrigues
Erica Castro
Frank Junior
Lais Diniz
Leandro Ferreira
Nícias Brandão
Raul Monteiro
Sergio Ferreira
Thamyris Bragioni
Theo Karam

Educação e Território

Educação Continuada

João Paulo Andrade
— *Gerente*

Território

Luiza Verdolin
— *Gerente*

Agatha Amorim
Amanda Homem
Ângela Campos
Brenno Theotônio
Bruno Pontes
Danira Silva
Daphne Cunha
Gabriel Rodrigues
Geovana Antonelle
Gober Maurício
Guilherme Barreto
Isadora Godoy
Jacamim Gil
Julia Braz
Júlio Gotelip

Larissa Alvarenga
Laura Matos
Maria Elisa Pompeu
Marina Quintiliano
Néia Maia
Paula Libertad
Saymon Santos
Victória Brandão

Finanças, Pessoas e Estratégia

Estratégia e Transformação

Lorena Vicini
— *Gerente Executiva*

Financeiro e Administrativo

Anabelle Marques
Eliane Meneses
Gabriela Lisboa
Gabriela Santiago
Karine de Deus
Priscila Nascimento

Controladoria Administrativa

Cristiane de Paula
— *Gerente*
Daniel Freitas

Compras e Transporte

Celson Silva
Eduarda Ribeiro
Elber Santos
Flávia Lamounier
Itacilde Nascimento
Lara Lima
Marcos Vinicius
Renan Faustini
Renata Passos
Ronald Eduardo
Suelene Alves

Valdeci Silva
Washington Silva

Gestão de Pessoas

Raquel Murad
— *Gerente*
Diego Calabria
Fernanda Silva
Gabrielly Braga
Heliana Nascimento
Josiane Rufino
Karina Silva
Kenia Sant' Anna
Larissa Gabriela
Laryelle Rezende
Lizier Oliveira
Luciana Lima
Melissa Cardoso
Olivia Fernandes
Rafael Rezende
Roberta Mariana
Sheila Santos
Taiz Sales
Thiago Silva
Viviane Leonarda
Wander Lee
Wiliam Oliveira
William Cordeiro
Yara Larissa

Jurídico

Paula Sulmonetti
— *Gerente*
Karine Lacerda

Produtos, Dados e Tecnologia da Informação

Taicê Mucelle
— *Gerente*
Josue Temporim

Pablo Herique
Pedro Assis
Rayca Lorraine
Tiago Moreira
Victor Barbosa
Viviane de Fátima
Yasmim Barbosa

Operações e Infraestrutura

Operações

Gabriel Correa
— *Gerente*
Agnes Cayane
Alan Oliveira
Alexandre César
Alice Martins
Aline Caroline
Aline Silva
Ana Amorim
Ana Cristina
Ana Luíza
Ana Luíza
Ana Vitória
Anelízia Marfiza
Anna Luiza
Antônio Carlos
Ariany Campos
Arthur
Arthur Moraes
Artur Maduro
Beatriz Nogueira
Brenda Veloso
Bruna Cássia
Bruna Silva
Bruna Thais
Bryan Brum
Camila Stephanie
Carlos Eduardo Carvalho
Carlos Eduardo Cunha

Cássio Miguel	Jessica Rodrigues
Dalila Cristina	Jhoelly Rodrigues
Daniel Nascimento	João Victor
Debora Helena	João Vitor Cruz
Deyse Santos	Juan Pablo Santos
Diogo Vinicius	Julia Araujo
Duda Campos	Júlia Guedes
Edivanne Cativo	Kaique Junior
Eduardo Silva	Kamila Aparecida
Ellen Brito	Karine Almeida
Emilly Camargos	Kátia Braga
Emily Miranda	Kauan Junior
Endrio Venâncio	Kayky de Souza
Ester Karen	Kelve Wilian
Ester Silva	Khelysne Ignácio
Ester Silva	Khenzly Botelho
Esther Silva	Kimberly
Fabiana Lopes	Klênia Santos
Fernanda	Láisa Christina
Fernando Henrique	Larissa Leônia
Fernando Resende	Larissa Nunes
Flávia Aparecida	Larissa Silva
Gabriel	Layla Campos
Gabriel Ângelo	Leonardo Silva
Gabriel Barreto	Leticia Silva
Gabriel de Paiva	Livia Gonçalves
Gabriel Nicácio	Lorena Lara
Gabriel Paulino	Luan Almeida
Giovana Batista	Luana Beatriz
Greyce Silva	Luana Cecília
Guilherme Campos	Luana Leonor
Guilherme Dias	Luís Gonçalves
Guilherme Lima	Luiz Felipe
Guilherme Lopes	Luiz Viegas
Gustavo	Luiza Santos
Henrique Faria	Magno Barbosa
Ihago da Silva	Marcelo de Azevedo
Isadora Gonçalves	Marcella Neves
Isaura Braga	Marcos Vinícios
Jennifer Santos	Marcus Vinicius

Maria Araújo
Maria Eduarda Murta
Maria Izabel
Maria L. Souza
Maria Luisa
Marilza Alvares
Mattéo Silva
Max Silva
Miguel Andrade
Milena Silva
Milton Carlos
Moyses Vittor
Naiara Oliveira
Nayara Bleme
Neyla Cristina
Nicole Naomi Santos
Pablo Braga
Paloma Helen
Pedro Mendes
Pedro Otavio
Polyane Almeida
Rafael China
Raianny Vitória
Rayanne Soledad
Rayssa Vitória
Ricely Diniz
Richard Félix
Roane Kassia
Rosemary Diniz
Ryan Diniz
Sabrina Rafaela
Samuel Lucas
Sargento Wagner
Sirlene da Silva
Suellen Cristina
Talita Freitas
Taynara Oliveira
Tenente Aparecido
Thais Costa
Tiago Barbosa

Valdilene Edevim
Vanessa
Vanessa Rodrigues
Vanusa Dias
Vicente Cruz
Victor Cabral
Victor Hugo Costa
Victoria Oliveira
Vitória Cardoso
Vitoria Karoline
Vitória Maia
Vitória Mariana
Vitoria Marinho
Vitória Silva
Wendell Cauã
Yasmim Kellen

Manutenção e Infraestrutura

Otávio Rodrigues
— *Gerente*
Adeilton de Jesus
Alessandro Souza
Altair Santos310
Anderson Ferreira
Antônio Gabriel
Blander Abreu
Braian Felipe
Carlos Celestino
Cleyton Souza
David Cardoso
Doglas Neres
Euverio Braga
Everton Celestino
Geraldo Anacleto
Gilberto Ferreira
Gilmar Silva
Gilson Ribeiro
Guilherme Santiago
Gustavo Carreiro
Gustavo Ferreira

Heberte
Jefferson Tavares
Jéssica Silva
Joaquim Mendes
Joel Marcos
Jose Antonio
Jose Geraldo
Jose Martins
José Valdir
Kennedy Sant'anna
Leonardo Pio
Lucas Las Casas
Lucas Vitor
Luciano Drumond
Ludimila Sales
Luís Rocha
Luiz Alves
Luiz Domingos
Marcela Mendes
Marlon Ferreira
Olegario Fagundes
Rayane Souza
Reginaldo Aguiar
Silvano Dias
Sofia Vasconcelos
Ueuller Soares
Valter Silva
Walisson Silva
Welbe Moraes
Wellington Severino
Yedda Silva

Serviços Gerais

Ana Gabriely
Andrea Roberta
Bruna Daniele
Camila Bernardes
Dalva Ribeiro
Diego Rodrigues
Dineia Angélica

Edivânia Rocha
Elaine Cristina
Eliane Gomes
Geraldo Gonçalves
José Mauro
Juliana Aguiar
Kelly Pereira
Leandra de Souza
Lilian Guedes
Lindaura Matos
Luzia Costa
Marcelo Miranda
Margareth Firmino
Maria Aparecida Divino
Maria das Dores
Maria De Lourdes
Nilson Pereira
Patrícia Santana
Rony Dannel
Rosangela Alves
Rosimara da Silva
Sara Pereira
Sarah da Silva
Sebastião Soares
Solange Aparecida
Solange Borges
Soraia Aparecida
Tânia Silva
Thainara Teixeira
Thayna Miranda
Vagner Santos
Valdirene Amorim
Vicentina Dias

Relações Institucionais

Patrocínios e Relacionamento

Andrea Lombardi

— *Gerente*

Bia Sousa

Davds Lacerda

Luana Dornas

Viviane Cunha

Projetos

Vinicius Santos

— *Gerente*

Joyce Silva

Mariana Ferreira

Pipe Nascimento

Viviane Melo

Relações Públicas

Marina Toledo

Riscos e Controles

Compliance

Elivelton Cruz

— *Gerente*

Agatha Victoria

Leticia de Sousa Faria

Welinton Almeida

Patronos Inhotim

Benemérito

Camila e Eugênio Mattar

Flávia e Guilherme Teixeira

Diamante

Nadia e Olavo Setubal

Roberto Setubal

Ouro

Iris Kaufmann e Gustavo Ioschpe

Luís Paulo Montenegro

Teca e Cristiano Paz

Teresa e Cândido Bracher

Prata

Alfredo Pinto

Beatriz Bracher

Beatriz Menin e Rubens Menin

Betania Tanure e filhos

Daniela Villela

Fabio Barbosa

Genny Nissenbaum

Lina e Eduardo Wurzman

Luciana Hall-Cezar Coelho

Maguy Etlin

Mariana Moura e Nicolau Sultanum

Paula Setubal

Paulo Kakinoff

Susana Leirner

Tiago Pessoa

Valéria Nogueira e Maurício Campos

Verônica Dantas e Francisco Müssnich

Patronos

Albuquerque Contemporânea

Galeria de Arte

Cleusa Garfinkel

Diogo Cantarelli

Fernanda Pessoa e Robinson Salvador
Fernando Marques Oliveira
Flavia B. de Almeida e Rodrigo Leite
Fortes D'Aloia & Gabriel
Galeria Almeida & Dale
Galeria Luisa Strina
Galeria Nara Roesler
Geyze Diniz
Juliana de Lima Vasconcellos
Leo Figueiredo
Lucas Araripe
Marcia e Marcelo Curi
Nazaré Almeida Braga Metsavaht e
Oskar Metsavaht
Rita Leite e Nilson Teixeira
Rodrigo Mitre

Jovens Patronos

Carlos Eduardo Messinger Salomão
Carolina e Mario Ermírio de Moraes
Denise Valadares e Marcelo Chelles
Fabiana Cepeda e Luis Rodrigo Almeida
Felipe Urbano
Luddi Oliveira
Luiza Mussnich e Pedro Sauer
Paola Sarkis e Renata Faria Nascimento
Pedro Marques Felmanas
Vinicius Veloso

Patrocinadores e Parceiros 2026

Mantenedora Master

Vale

Parceria Estratégica

Nubank
Cemig

Patrocínio Master

Shell

Itaú

Patrocínio Ouro

Vivo
Grupo Ultra
IBM

Patrocínio Prata

Instituto Unimed-BH
On Brasil
B3
CBMM

Patrocínio Bronze

BNP Paribas
Drogaria Araujo
Fundo Museu Escola
Pottencial Seguradora
Instituto Machado Meyer
banco BV
Veirano Advogados
Cescon Barriue

Apoio

Líder Aviação
UBS BB

Locadora Oficial

Localiza

Frota Oficial

Stellantis

Parceria Institucional

Clara Resorts
BMAAdvogados
Bain & Company
EcoSimple
Embaixada da França no Brasil
Embaixada dos Estados Unidos no Brasil

Kouda
Embaixada da Colômbia no Brasil
Consulado da Colômbia em São Paulo
Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro
Consulado Geral da Itália em Belo Horizonte
Embaixada do Peru no Brasil
SP–Arte
Sympla
Fernanda Pessoa Grupo Educacional
Sparlack Cetol Deck
Fundação Dom Cabral

Parceria de Mídia

Jornal Estado de Minas
Revista Piauí
Rádio CDL
Fredlzak
D Mídia
JCDecaux
Jornal Circuito Notícias
Portal da Cidade Brumadinho
FlyMídia
LivOOH
Eletromídia
A3TV
Rádio Inconfidência
Rede Minas
Canal Curta
Arte! Brasileiros
Visual
ELLE
Quatro Cinco Um
Rádio Band News
Band Minas
Rádio Mix
OTEMPO
Liberdade FM
LightFM

Mega MídiaOOH
Publya

Realização

Projeto realizado com recursos da Lei Rouanet. Ministério da Cultura e do Governo do Brasil.

Todos os esforços foram feitos para que a menção a nossos patrocinadores, conselheiros, patronos, membros e colaboradores fosse publicada de forma correta. Caso algum erro tenha ocorrido, por favor, informe-nos por info@inhotim.org.br.

Lista atualizada em julho de 2026.

PRÊMIO ARTE & NATUREZA NA ESCOLA 2025

Diretora de Educação e Território

Gleyce Kelly Heitor

Gerente de Educação Continuada

João Paulo Andrade

Coordenação de Projetos de Educação

Saymon Santos

Supervisão de Educação

Pedro Ton

Pessoas Educadoras

Amanda Pontes

Danira Silva

Filipe Camato

Consultoria Pedagógica

Valquíria Prates

Banca de Seleção

Cayo Honorato

Luciana de Oliveira

Shion L

Identidade visual

Lana Costa

Fotografia

Brendon Campos

Daniela Paoliello

William Gomes

Yuji Kodato

Audiovisual

Brendon Campos

Projetos selecionados

Impressões Botânicas: Memórias vegetais do Jardim das Alterosas

Escola Municipal José Miranda Sobrinho,
Betim (MG)

Professoras e professores proponentes

Marcos Cabral de Melo, Ivana Rocha,
Cassia Poliana Camilo da Silva e Isabel
Cristina da Silva

Estudantes

Alice Passos Borges; Amanda Junia de
Souza; Ana Clara Amaral Lima; Ana Rebeca
Monteiro da Silva; Anna Allyce Moraes
Almeida; Arthur de Paula Guimarães;
Arthur Gabriel de Souza Gomes; Arthur
Nascimento Sousa; Bernardo Augusto
Silva do Nascimento; Caio Bryan Marques
Silva; Camille Vitória Sullivan de Oliveira;
Cauã Lucas de Oliveira; Davi de Castro
Miranda; Davi Lucas Fernandes Ferreira;
Davi Vieira Brito; Eloah Giselly Dias Porto;
Emilly Caroliny Finamore de Andrade; Enzo
Rafael Pereira Viana; Evellyn Kamilly Santos
Brandao; Evilyn Vittoria da Cruz Magalhaes;
Fernanda Rodrigues de Oliveira; Gabriel
Teixeira Toledo; Gabriella da Silva Costa;
Gabrielly Victoria de Almeida Santos;
Geovanna Roque Oliveira; Giovanna Isabelly
Malta de Paula; Giovanna Rafaely Batista
de Jesus; Guilherme Henrique Costa
Pereira; Gustavo Rafael Toledo; Gustavo
Silva Jardim; Heitor Henrique Ribeiro de
Oliveira; Isaque Victor Rodrigues Leocádio;
Jepherson Luiz Carvalho Xavier; Jhulia
Lopes Ribeiro; Joao Pedro da Costa Gomes;
João Carlos Batista Teodolino; Kamilly
Eduarda Gonçalves Meira; Kaua Vieira

Martins; Laura Farias Martins; Leticia Vitoria da Silva Ribeiro; Lucas Emanuel Sousa da Paz; Lucas Felipe Folgado; Luís Otávio de Sá Domingues; Luiz Otávio Dias Silva; Mariana Leticia Pereira Soares; Marina Diniz Pereira Amaral; Melissa Miranda Arruda; Miguel de Assis Gomes; Miguel Esteves Pires; Miguel Vitor Silva Corrêa; Nathália Luiza Menezes Guimaraes; Nicoly Cristina de Carvalho Gouveia; Otavio Henrique dos Santos Catarino; Pablo Henrique Lima Oliveira; Paula Victoria Paiva Silva; Pedro Henrique Sant'Ana de Oliveira; Raphael Henrique da Silva Pinheiro; Rayellen Khethelley Santiago Costa; Samir Antonio Costa Silva; Sarah Cristina de Oliveira; Talita Estéfany Fernandes Paisante; Victor Gabriel Vieira dos Santos; Victor Hugo Jonas Botelho Oliveira; Victor Hugo Martins Lopes; Vinicius Santos Prates; Yasmim Angelica Silva Santos; Yasmim Emanuely Carneiro de Jesus; Yasmim Rodrigues dos Santos

Inventarias: Espécies resistentes do Cantinho da Fazenda.

CLIC! — Centro Lúdico de Interação e Cultura, Belo Horizonte (MG)

Professoras proponentes

Isabela Froes Righi e Marcela Von Bentzen G. de Azevedo

Estudantes

Alice Lopes; Antônia Noronha; Heitor Melo; Isis Soares; Julia Bueno; Julia Santiago; Lara Amarante; Lia Rabello; Lis Maciel; Manuela de Aquino; Mila Ávila; Olga Fedatto; Olívia Barbosa; Olívia Tanaka; Pedro Alvarenga; Rafael Peconick; Theo Horta

Juventudes pelo clima: Imaginar o futuro em tempos de incerteza.

Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, Florestal (MG)

Professor e professora proponente

Lucas Reis Bittencourt e Marcella Scotti

Estudantes

Adryan Raphael Maximiano dos Santos; Alex Bruno Moreira da Silva; Ana Adla Dahyer de Faria Naime; Ana Clara Morais Novais; Ana Cristina Tavares Silva; Ana Flávia Aleixo Gomes; Ana Maria Esperança Bezerra Silva; Anna Gabriela Dias; Anna Júlia Maciel; Arthur César Carvalho Souza; Bento Raphael Schossler Costa; Bianca Aparecida de Souza; Camila Silva Ferraz; Cecília Eduarda Braga de Souza; Davi Augusto Ribeiro Aleixo; Eshley Jesie Pimenta Silva; Fernanda Fidélis Ferreira; Fernanda Lopes de Carvalho; Gabriella Gonçalves Ferreira da Silva; Giovana Silva Moreira; Heitor Campos Pimenta; Hugo Nunes Garcia; Isabela Andrade Rosa Nascimento; Isadora Félix de Lima; Isaac Basílio Ornellas Silva; João Gabriel Santos Lino; Julia Cristine de Jesus Rodrigues Santos; Julia Cunha Canto; Julia Bueno; Julia Santiago; Júlia Ferreira De Andrade; Karine Hermogenes Gomes da Silva; Kaua Ricardo Alves Parreiras; Kyara Ferreira da Paz Silva; Lídia Manassés de Lima Silva; Lucas Antônio Lino Borges; Luis Miguel Moraes Alves; Luiz Guilherme da Costa Barreto; Luiz Otávio Martins Ferreira; Marcela Alves Vaillant; Marco Túlio Francisco Dutra; Marcos Felipe Mendes Gonçalves Dutra;

Maria Clara de Fátima Santos das Neves; Maria Eduarda Brito Avelar; Maria Eduarda Lemes Borba; Maria Eduarda Rodrigues Leão; Maria Eduarda Santos Dutra; Maria Eduarda Viana Lamas; Maria Júlia Costa Silva Nunes; Mariana Silva Moreira; Melissa Cristina de Castro Oliveira; Michel Henrique Santos Porto; Miguel Fernando Faria Lehner; Paola Mayara Ferreira Oliveira César Silva; Penelope Rosa dos Santos; Pedro Henrique Andrade França; Rafaela Camilly dos Reis Silveira; Rogério Menezes de Oliveira; Samuel Oliveira da Silva; Sophia Maciel de Faria; Tobias Miguel Teixeira de Paula; Victor Hugo Lopes; Vitória Ragazzi Teixeira

Terra Comum: Um laboratório a céu aberto.
Escola Municipal Lucas Marciano da Silva,
Distrito de Suzana, Brumadinho (MG)

Professora proponente

Nina Morais Dias

Estudantes

Alice Estefane Fernandes Ribeiro; Alice Gabrielle Domingos Costa Branco; Alice Gabrielle Gonçalves Rosa; Ana Alice Silva; Ana Clara Moura Rodrigues; Ana Emanuele Santos Oliveira; Ana Luiza Rodrigues dos Santos; Ana Luiza Silva; Ana Maria Santos Almeida; Aquiles Braga Oliveira; Arthur Antonio Ribeiro dos Santos; Arthur Francisco Doff Sotta; Asafe Cardoso Gomes Silva; Bernardo Rafael Fernandes Braga; Bruno Deivid de Jesus Ferreira Santos; Camile Ariane Souza Maia; Clara Emanuelli Cristina de Sousa; Cristian Fillipe Cruz Sousa; Davi Edward dos Santos Cruz; Davi Lucas Silva Torres; Eduardo Santana Pereira Lima; Elisabeth Rodrigues Viana; Eloiza

Ramos da Silva; Emanuel Lorenzso do Carmo Pedrosa; Emily Joana Oliveira Braga; Érika Batista da Silva; Ester Vitoria Maria da Silva; Fernanda Dutra Alves; Fernando de Araújo Oliveira Costa; Francielly de Almeida Ramos Teixeira; Gabrielle Lopes Nogueira; Gabrielly Fernanda Pereira dos Santos; Gabrielly Vitória Cimiano da Costa; Isabelle Braga Ribeiro; Isaque dos Santos de Brito; Jhonata Borges Dutra; Jhennyfer Márcia Rodrigues Silva; João Lucas Amorim Costa; João Lucas Silva Luz; João Pedro Amorim Pereira; João Victor Souza Rocha; João Vítor Vieira de Freitas; José Alceu de Castro Las-Cazas Pinheiro; José Geraldo Rodrigues de Paula; Julia Marcella Pinheiro Cruz; Julia Moreira de Carvalho; Karolainy Aparecida Fernandes da Silva; Kelvern Henrique Campos Andrade; Kemylle Ramos Vieira; Lara Cristina Quirino da Silva; Lara Ferreira Braga; Laura Bianca Cruz Jardim; Lauana Bonfim Cardoso; Letícia Pires Martins; Livia Silva Melo; Luciano Júnio Ribeiro Melo; Luiz Carlos Sales Fonseca; Luiz Eduardo Rodrigues Campos; Luiz Fernando Rodrigues de Paula; Luiz Neto Martins Correia; Luiz Otavio Tiago de Souza; Luiza Andrade Campos; Maicon David Alvarenga dos Santos; Maia; Manoela Oliveira do Carmo; Marcella Gomes; Maria Cecília Rodrigues de Matos; Maria Eduarda dos Anjos Santos; Maria Fernanda Amorim Silva; Maria Fernanda Silva Santos; Maria Julia dos Santos; Micaelly Paula da Silva Alves; Miguel Sander Neves; Milena Lopes de Oliveira; Myllena Aniceto Oliveira; Nauany Aparecida dos Santos; Nicolly Fernanda Félix Silva; Nicolly Heloíse Tameirão Pessoa; Parreiras; Raissa Karolaine Silva Freitas; Raquel Cristina Rodrigues dos Santos;

Raylinn Alexandria Chavez; Ryan Henrique da Silva Martins; Samille Victoria Mendes dos Santos; Samuel Gustavo Fernandes Amorim; Samuel Silva Reis; Sara dos Santos de Brito; Sophia Emanuely Silva; Stephany Gabryella Martins Soares; Sthella Santos Reis; Verônica Gabrielle Silva Oliveira; Victor Gabriel Clemente de Almeida; Vitor Felipe de Jesus; Wallace da Costa Silva; Wryel Celso Esperendeus; Yuri Dias Gomes.

LIVRO PRÊMIO ARTE & NATUREZA NA ESCOLA 2025

Organização

Gleyce Kelly Heitor

João Paulo Andrade

Valquíria Prates

Textos sobre os projetos premiados

Valquíria Prates

Coordenação editorial

João Paulo Andrade

Valquíria Prates

Consultoria editorial

Clarice Lacerda

Redação

Valquíria Prates

Fotos

Amanda Pontes: p. 27 (superior)

Brendon Campos: p. 2, 4, 6-7, 22-23, 39,
48-49, 51, 58-59, 78-79

Daniela Paoliello: p. 36-37, 46-47

Filipe Camato: p. 27 (inferior)

Mantú Coutinho Baptista: p. 60-61

William Gomes: Capa, p. 24-25, 34-35

Yuji Kodato: p. 63, 70-71

Revisão

Rachel Murta

Projeto gráfico, diagramação e produção gráfica

Gabriel Figueiredo

Impressão e acabamento

Artes Gráficas Formato

P925

Prêmio Arte e Natureza na Escola 2025: publicação Prêmio Arte e Natureza na Escola 2025 / Organização Gleyce Kelly Heitor, João Paulo Andrade, Valquiria Prates; textos Gleyce Kelly Heitor, João Paulo Andrade, Valquiria Prates; — 1. ed. — Brumadinho : Instituto Inhotim, 2026
97 p. : il. color

ISBN 978-65-02-19350-1

1. Arte e educação. 2. Arte e Natureza. 3. Educação Ambiental. 4. Museus e escolas. 5. Pedagogia territorial. I. Heitor, Gleyce Kelly (org.). II. Andrade, João Paulo (org.). III. Prates, Valquiria (org.). IV. Instituto Inhotim. V. Título.

CDU 7.07(81):574

CDD 707

Bibliotecária: Rubia Luiza — CRB 7-7 /7747

Livro diagramado usando as fontes
Neue Monetrál, da Pangram Pangram e
Altissima, da AlfaType.

Produzido na gráfica Formato em julho de
2026, em tiragem de 1.000 unidades, com
miolo em papel AP 120 e capa em papel
Cartão Supremo 250.

INSTITUTO INHOTIM

Rua B, 20, Povoado Inhotim (Conceição do Itaguá)

Brumadinho, Minas Gerais, Brasil

CEP 32497-142

www.inhotim.org.br

info@inhotim.org.br

MANTENEDORA
MASTER

REALIZAÇÃO



Lei Rouanet



VALE

LEI ROUANET

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



Escola que aprende com museu, museu que aprende com escola. No Instituto Inhotim, essa troca se torna um modo de pensar futuros, com professoras, professores, estudantes e comunidades no *Prêmio Arte & Natureza na Escola*.

A primeira edição do projeto aconteceu em 2025, por meio do Programa de Educação e Território do Inhotim. Ao longo desta publicação, a pessoa leitora é convidada a conhecer percursos em que arte, educação e território se entrelaçam e se convocam, dando forma a projetos que nascem nas escolas e se expandem em diálogo com o museu e as comunidades. Mais do que iniciativas pontuais, são processos que mobilizam saberes locais, experiências sensíveis e investigações coletivas, transformando ideias em ações situadas e compartilhadas.

Entre encontros, escutas e experimentações, o livro revela como práticas educativas podem se tornar redes de colaboração, nas quais estudantes, docentes e territórios se reconhecem como agentes de criação e transformação. Esperamos que leitores e leitoras naveguem por este livro como quem é conduzido pela intenção, pelo trabalho e pela pesquisa de professores e professoras que, junto às comunidades escolares, criam possibilidades concretas de imaginar e sustentar outros modos de aprender e de estar no mundo, juntos.

INHOTIM 20